

Seção de Livros
1.ª Parte

DUCE !
ASCENSÃO
E QUEDA DE
MUSSOLINI

Richard Collier

Há 50 anos, em outubro de 1922, Benito Mussolini tomou o Governo na Itália e o mundo teve a sua atenção despertada para uma palavra nova que definia um novo conceito — Fascismo. Saudado como «Il Duce» (o líder), a muitos, italianos e estrangeiros, Mussolini parecia o novo César, o salvador da sua nação, símbolo de uma nova e irresistível corrente política. Um dos seus discípulos chamou-se Adolf Hitler, e, em 1939, Alemanha e Itália formariam o que ominosamente se chamou o «Pacto de Aço». Viria a ser um desastre para ambos os países.

Baseando sua pesquisa em centenas de entrevistas pessoais com sobreviventes dessa época trágica, Richard Collier criou o retrato íntimo de um ditador no seu processo de formação, da sua preparação para «o dia em que a Itália há de temer-me», da sutil corrupção pelo poder e da queda catastrófica que arrastou milhões na sua maré de sangue. É um retrato sem retoque do homem por trás da imagem criada pela propaganda, do anão por trás da máscara de gigante, do covarde disfarçado de criador de impérios.

DUCE! ASCENSÃO E QUEDA DE MUSSOLINI

Richard Collier



A PÉ, em carroças, caminhões e charretes caindo aos pedaços, pelas estradas calçadas de pedra há 2.000 anos e pelas velhas pontes sobre o Tibre margeado de salgueiros, vinham os soldados do exército dos Camisas-Negras. Estavam encharcados de chuva, mortos de frio, não sabiam exatamente o que fazer nem aonde ir, mas nada roubaria aos fascistas a sua Marcha sobre Roma.

De madrugada, antes de nascer o dia 28 de outubro de 1922, pequenos bandos desses homens, agindo em centenas de localidades, haviam ocupado agências dos Correios, prefeituras, estações de estrada de ferro e acampamentos militares. Ajudados por 11.000 ferroviários, membros leais do Partido Fascista, eles haviam assaltado todos os trens possíveis; esses também, agora, os vagões superlotados, dirigiam-se sobre Roma, onde os recém-chegados se juntavam aos quase 40.000 camisas-negras já acampados atrás das colinas que foram o berço da antiga capital. Todos tinham um único objetivo, tão pirata como as bandeiras exibindo as caveiras e as tíbias que desfraldavam: tomar pela força as rédeas do Governo.

Traziam um bizarro arsenal. Ao norte de Roma, um correspondente de guerra espanhol observou homens tomando posições de combate: teve a impressão de que haviam assaltado um museu — alguns armados com mosquetes, garruchas e velhas espingardas de safari. Outros não teriam nem com o que dar um tiro.

Na pressa, haviam recolhido tacos de golfe, foices, enxadas, galhos de árvores, pés de mesa, e até pedaços de bacalhau. Um havia que, tal como Sansão entre os filisteus, brandia uma queixada de burro.

Ao longo do dia, hora após hora, mais gente chegava, todos acesos pelo chamamento de um homem — um homem que havia anos vinha trabalhando para levar suas emoções ao rubro daquele momento e cujo nome vinha gravado, sonoro como um grito de guerra, em faixas, caminhões e capacetes: «VIVA MUSSOLINI!»

Na noite da véspera, o alvo de toda essa adulação, Benito Mussolini, de 39 anos, fora ao teatro, em Milão. Aparentemente, não lhe passava pela cabeça nada mais urgente que um programa com a mulher, a loura Rachele, e a jovem filha do casal, Edda. Num camarote do segundo balcão, sem dar mostras de perceber os olhares do público, ele adotara uma pose familiar aos que o conheciam. Quase calvo, os olhos muito negros, apoiou o queixo grande nas mãos brancas, quase femininas, e lançou o olhar duro através do teatro, como um buldogue vigiando do seu canil. Imóvel, seu olhar ficou preso ao palco iluminado até à metade do segundo ato. De repente, ergueu-se e deu a ordem: «Vamos embora.»

Dirigiu-se apressadamente para o primeiro andar da redação de *Il Popolo d'Italia*, o pasquim panfletário que ele dirigia e que servia de porta-voz e posto de comando

do Partido Fascista. Com os membros do partido entrando e saindo da redação, espalhando suas granadas pelas mesas, há dias que vinha sendo difícil até rodar o jornal. Na calçada, a entrada principal estava barricada com bobinas de papel, enquanto lá dentro cada toque dos telefones trazia a notícia da queda de mais uma posição do Governo.

Os eventos chegavam ao seu ponto crucial. Havia mais de 24 horas que o Rei da Itália, Vittorio Emanuele III, vinha vacilando, sem saber ao certo onde estavam os seus interesses. Cedo naquele dia, depois de uma sessão que varara a noite, o ineficiente Gabinete parlamentarista liberal proclamara o estado de sítio no país. Mas o Rei o revogara. Ele não morria de amores pelos fascistas, mas estes, ultimamente, vinham rendendo preitos à Monarquia, e o maior problema de Vittorio era a preservação da sua milenar Casa de Savóia. Confrontado com a possibilidade de guerra civil, achava que talvez algumas concessões a Mussolini pudessem garantir a segurança dos dois — Rei e Pátria.

Foi uma decisão fatal, que encheu Mussolini de uma ambição ilimitada. Na véspera, ele estivera disposto a satisfazer-se com algumas pastas no novo Governo. Agora ele exigia que o Rei o designasse Premier e deixasse em suas mãos a escolha do Gabinete.

Mesmo os seus assessores em Roma insistiam para que entrasse

em acordo. «Não quero saber de um pedaço de vitória», ele respondeu. Continuaram pela noite as negociações entre os representantes, seus e os do Rei, com Mussolini na redação do jornal, falando ao telefone numa cabina à prova de som, o rosto e as mãos molhados de suor. Ao meio-dia, finalmente, o Rei cedeu e convocou Mussolini a Roma.

Nessa noite, preparando-se para deixar Milão, apareceram os primeiros sinais de poder: sua cabina no trem Milão-Roma estava toda engalanada, enquanto milhares de pessoas enchiam a estação, mantidas à distância por uma guarda de honra. Uma banda tocou quando o trem partiu, e Mussolini apareceu à janela, jogando beijos. A noite foi uma marcha triunfal de cidade em cidade, onde soldados sorridentes e exaustos esperavam para vê-lo passar. Ele parecia cansado e pálido como pedra, mas pela manhã, o trem se aproximando de Roma, de repente transfigurou-se quando três pontinhos prateados se despendaram como falcões do sol. Aviadores fascistas mergulhavam para saudá-lo.

Às 11h 15m ele deu entrada, muito ereto, numa ante-sala do Palazzo del Quirinale, em Roma. Vestia o traje formal que viria a ser a sua marca registrada—inclusive chapéu coco e polainas brancas, mas acrescentara um estranho detalhe: a camisa preta, tradicional uniforme de briga das tropas de choque fascistas. Ao avançar para cumprimentar o Rei, deu mostra

do seu onipresente senso teatral: «Vossa Majestade perdoará o meu traje», disse. «Estou chegando do campo de batalha.»

Um Erro Trágico

HAVIA três anos, o Partido Fascista mal conseguira 5.000 votos, e pouca gente era capaz de imaginar que jamais chegasse ao poder. Mas não contavam com a extraordinária natureza de Benito Mussolini.

Nascido a 29 de julho de 1883, em Dovia, filho de um ferreiro pobre, a princípio Mussolini parecia um tipo solitário, que olhava a vida como inimiga. Malgrado os esforços, foi uma criança que falou tarde, obstinadamente muda. Um especialista finalmente tranquilizou os pais: «Isso passa. Acho que quando chegar a hora ele vai falar até demais.»

A mãe, devota, queria que fosse padre, mas Benito saiu ao pai, velho socialista e ateu convicto. Foi um jovem solitário, taciturno, constantemente em conflitos com a autoridade. Brigava com colegas e professores, e em 1894 foi expulso de um colégio de padres por ter dado uma facada na nádega de um colega.

Oscilando entre sentimentos de abjeta inferioridade e confiança excessiva, parecia ter um objetivo permanente: chamar a atenção. Ainda criança, a mãe surpreendeu-o discursando para as paredes do quarto. «Estaria doido?» ela se perguntava, alarmada. Benito acal-

mou-a. Estava ensaiando um discurso, «ensaiando o meu papel, porque chegará o dia em que toda a Itália há-de temer-me».

Jovem, passou mais de uma década como agitador e militante socialista, encontrando nas manifestações sangrentas e nas greves uma válvula de escape para a sua natureza violenta. Ele próprio resumiu essa fase da sua vida quando disse: «A fome é boa mestra, quase tão boa como a prisão e os nossos inimigos.» No total, cumpriu 11 penas de prisão, a maioria por atividades políticas.

Em 1914, entretanto, rompeu com o partido, por divergências quanto à Primeira Guerra Mundial. Os socialistas estavam decididos a boicotar o conflito, enquanto Mussolini apoiava a intervenção. Muito conhecido entre os socialistas por sua feroz combatividade, sua posição granjeou-lhe milhares de novos admiradores por toda a Itália.

Os primeiros passos no sentido do seu longamente acalentado papel de criatura do Destino foram dados no dia 23 de março de 1919. Nessa manhã, num salão abafado na velha Piazza San Sepolcro, em Milão, ele e um punhado de companheiros fundaram o Partido Fascista. O nome vinha de *fascis*, o feixe de varas de bétula atadas à volta de um machado que na Roma Imperial simbolizava o poder de vida e morte dos cônsules.

Muitos dos que cercavam Mussolini nesse dia eram *Arditi* (tropas de choque) de camisas negras,

veteranos da Grande Guerra, uma elite insolente a quem, em combate, cabia tomar de assalto as trincheiras inimigas, uma granada em cada mão. Sempre teatral, Mussolini adotou as camisas negras como uniforme do seu próprio movimento, ao qual depois foi acrescentando detalhes à vontade: um chapeuzinho preto parecido com um fez árabe, com uma borla, a saudação de braço esticado dos antigos legionários romanos e o brado de «Eja, eja alala», o qual, dizia-se, era o antigo brado de guerra romano. Milhares de homens logo viriam a abrigar-se sob o seu estandarte, atraídos por todo esse circo. Em dois anos e meio já havia 2.200 sucursais do partido, com todo o mundo chamando Mussolini de *Duce* (líder).

Não era de surpreender. Os socialistas também haviam crescido rapidamente, e por volta de 1920 uma ruínosa epidemia de greves assolou a Itália. Nas colunas de *Il Popolo d'Italia*, só nesse ano, Mussolini registrou cerca de 2.000 greves e paralisações de trabalho. Funcionários dos Correios jogavam ácido sulfúrico na correspondência; os *blackouts* provocados pelos empregados da companhia de energia elétrica, todas as noites, não poupavam nem os hospitais; horários tornaram-se documentos obsoletos — um trem saiu de Turim com 400 horas de atraso.

Setembro assistiu a um golpe à maneira bolchevista, quando 600.000 metalúrgicos tomaram as fábricas, de Milão a Nápoles; durante o mês

que as fábricas estiveram ocupadas, as bandeiras vermelhas do socialismo flutuaram em 600 chaminés. No campo, as mesmas bandeiras sobre um campo de feno proclamavam agora que os lavradores colhiam as suas próprias colheitas — as dos fazendeiros que apodrecessem.

No temor generalizado do bolchevismo, milhares começaram a olhar com outros olhos, e outros medos, a sede do Partido Fascista, onde, no primeiro andar de um prédio caindo aos pedaços, na zona do meretrício de Milão, Mussolini ficava sentado atrás de uma metralhadora apontada para a porta, sua mesa coberta de granadas de mão.

Jovens, audaciosos e intolerantes, os fascistas organizaram-se em esquadras de ação, jurados a esmagar o poder dos socialistas. Os métodos eram toscos, porém eficientes. Quando o gado ameaçava morrer de fome durante uma greve de trabalhadores rurais perto de Rovigo, 70 fascistas saíram a cavalo, reuniram-no e devolveram-no aos seus donos. Queimando, matando e pilhando, eles percorriam o interior. Em 1921, no Vale do Pó, os socialistas entregaram os pontos: para não morrerem, todos os lavradores haviam ingressado no Partido Fascista.

Mussolini atraía gente de toda a espécie — intelectuais, operários, classe média — mas muitos dos mais poderosos eram pouco melhores que bandidos. Em algumas áreas, esses rufiões transformaram-se na própria lei. Em Florença, por exemplo, que

era chamada «Fascistópolis», o chefe local mandou todos os comerciantes reduzir seus preços em 20 por cento. Os que não aceitaram viram suas cargas de ovos, frutas e vegetais esparramadas nas poças de água do mercado.

A bem da verdade, Mussolini era contra esses tipos, principalmente quando ficou claro que eles não queriam apenas destruir o socialismo, mas a própria democracia, e estabelecer uma ditadura. Tendo conquistado algumas cadeiras na Câmara dos Deputados, em 1921 Mussolini chegara a assinar um «Pacto de Pacificação» com os socialistas. Os fascistas militantes, entretanto, recusaram o Pacto e deixaram claro que iriam adiante, com Mussolini ou sem ele. Ficar de fora era algo que um homem com o complexo de inferioridade do Duce não podia tolerar. Aonde quer que fosse o fascismo, ele teria de estar no comando.

Toda a vida, o que Mussolini mais temia era ter de reconhecer uma derrota, e isso incluía todos os aspectos da sua existência, da política aos incontáveis duelos de que participou. Embora manejasse o florete como se fosse um cacete, bufando e gemendo, lançava desafios com a elegância de um D'Artagnan... mas o florete ficava colado à sua luva de duelo. Nenhum adversário jamais o fez de bobo desarmando-o, e a luta não terminava enquanto ele não arrancasse uma declaração assinada dizendo que a vitória fora sua. Dos triunfos embriagadores da

Marcha sobre Roma aos dias calamitosos da Segunda Guerra Mundial, esse traço governou-o com a mesma firmeza com que ele governava o povo italiano.

Ano Um

Com uma freada brusca, o carro de corrida parou diante do Palazzo Viminale, em Roma, sede do Ministério do Interior. Mussolini saltou, subiu os degraus de dois em dois e interceptou um funcionário que ia entrando.

Seu cumprimento foi ríspido e seco: «Lamento que não esteja bem de saúde, signor.»

Como dezenas de outros naquelas semanas de novembro de 1922, o burocrata caiu como um patinho: «Vossa Excelência deve estar enganado», respondeu. «Eu estou perfeitamente bem.»

«Então», berrou Mussolini com ódio, o punho fechado chicoteando a outra mão, «faça o favor de explicar porque está chegando às 11 horas numa repartição que abre às nove. Tome nota do nome», deu ordem a um ajudante. «Vamos ter muito que podar por aqui!»

No Ano I da Era Fascista — por lei, todos os documentos públicos daí em diante eram duplamente datados — nenhuma das 24 horas do dia era sagrada. Quando um ministro não era encontrado no seu gabinete às duas da tarde, Mussolini batia com o telefone, espumando: «Que história burguesa é essa de sair para o almoço?»

Nos primeiros dois meses, teve 32 reuniões de Ministério, cada uma delas durando cerca de cinco horas. Começava a trabalhar às oito da manhã e raramente saía antes das nove da noite. Memos e telegramas chegavam à sua mesa sem parar, e eram aprovados na margem: «M», em azul. A esclerosada burocracia italiana foi dinamizada com a demissão de 35.000 funcionários públicos; lançou-se à tarefa de equilibrar o orçamento e, como os turistas não cansavam de dizer, fez os trens correrem no horário.

A maioria das pessoas, então, jurava eterna lealdade a Mussolini. Aos que não o faziam, ele impunha. A 16 de novembro, fez o seu primeiro discurso na Câmara dos Deputados, onde entrou de braço esticado, na saudação romana. Suas palavras, encarando a Câmara de mãos na cintura, estavam peçadas de ameaças: «Eu podia ter transformado este salão horrível num acampamento para os meus camisas-negras», disse. «Podia ter mandado pregar as portas do Parlamento. Podia ter feito isso tudo, mas, por ora, não é esse o meu desejo.»

As superstições guiavam os seus dias. Ele tinha pavor de corcundas, aleijados, guarda-chuvas abertos e homens barbudos. Seu novo carro esporte exibía trevos de quatro folhas enormes dos dois lados do capô. O seu calendário não tinha os dias 13 e 17, que não davam sorte. A ferradura polida que ficava sobre a sua mesa não devia sair um milímetro do lugar. E ninguém

em cargo público jamais esqueceu o dia em que Mussolini leu pela primeira vez sobre a abertura do túmulo de Tutankamon e da série de acidentes infelizes que perseguiram os escavadores.

Sob o seu gabinete haviam guardado uma múmia, um presente recente. Mussolini pegou o telefone e emitiu uma torrente de ordens quase históricas. Embora já fosse tarde da noite, exigiu ação imediata, recusando-se a sair da mesa enquanto a múmia não fosse removida.

Na sua nova posição, suas origens humildes eram fontes de frequentes embaraços. «Quando cometo uma gafe ou percebo que não tenho o comando de uma situação», ele confessou a um amigo, «fico tão nervoso e irritado que não consigo nem dormir.» Numa das suas primeiras ocasiões de gala, ele era convidado de honra da Embaixada britânica e foi sentado à direita de Lady Sybil Graham, a embaixatriz. «Preste atenção a tudo que ela fizer», aconselharam-no. «Use o mesmo garfo, a mesma colher, a mesma faca que ela usar.»

Através de oito intermináveis pratos, Mussolini não perdeu uma deixa, embora logo no começo, vendo que a sopa era servida em taças, rugas desconfiadas lhe marcassem a testa. Mas, acompanhando os gestos de Lady Sybil, usou a colher, deixando-a depois de lado e levando a taça aos lábios — exatamente como a embaixatriz.

Quando a festa acabou, ao beijar-lhe a mão, Mussolini abriu um

sorriso largo e confidenciou à embaixatriz: «E eu que não sabia que os ingleses tomavam sopa como cerveja.»

No entanto, quaisquer que fossem as exigências da função, um aspecto da sua vida permaneceu inalterado. Rachele, a mulher, Edda, a filha, e os dois meninos, Vittorio e Bruno, haviam ficado em Milão, mas a Mussolini não faltava companhia. Roma inteira sabia das suas escapadas furtivas pela escada de serviço do Grand Hotel, onde se hospedava uma vez por semana Margherita Sarfatti, sua amante. Outras mulheres frequentavam o seu apartamento-zinho alugado na Via Rosella, onde eram literalmente atacadas no chão ou numa poltrona por um Duce inflamado. A vida toda, como um macho no cio, ele teve necessidade constante de afirmar a sua virilidade. Raramente perdia tempo tirando as calças ou os sapatos.

«O Corpo Entre os Meus Pés»

No COMEÇO não se notavam os sinais característicos de uma ditadura. As repressões, que Mussolini transformaria em sinônimos de fascismo, só começaram a aparecer em 1924. Nesse ano, um proeminente socialista, Giacomo Matteotti, que se manifestara abertamente contra as fraudes eleitorais do fascismo, foi brutalmente assassinado por cinco rufiões fascistas.

O povo italiano ficou revoltado com o crime. Com desprezo, centenas jogaram seus distintivos fas-

cistas nos esgotos. Em Turim e em dezenas de outras cidades, a Milícia recusou-se a ser mobilizada. Nas ruas de Roma, retratos de Mussolini apareceram com manchas de sangue escorrendo pelo pescoço.

A inescapável sugestão de cumplicidade no ataque a Matteotti atingiu Mussolini como um soco, e mais tarde ele admitiria que esses foram os dias mais negros da sua vida. Certa vez, foi visto ajoelhado na sua cadeira de trabalho, batendo com a cabeça, com raiva, no encosto de madeira. Incapaz de ingerir alimentos sólidos nos banquetes, ele engolia ovos crus em casa e depois recusava prato após prato oferecido. As roupas ficavam-lhe penduradas como sacos; em menos de três semanas, perdeu 10 quilos do seu corpo atarracado.

O assassinato quase derrubou o regime, e na sua onda naufragaram vários fascistas importantes implicados no caso. O próprio Mussolini demitiu-se do Ministério do Interior, continuando a ocupar o do Exterior. Além disso, fez nova tentativa de abrir caminho para um Governo de coalisão com os socialistas.

Os chefes provinciais fascistas, que governavam suas áreas como feudos privados, reagiram alarmados a essas manobras, e no dia 31 de dezembro de 1924 uma delegação de camisas-negras fez ao Duce uma visita inesperada. Para começar a conversa, Aldo Tarabella, portavoz do grupo, entregou-lhe uma carta desafiadora de Augusto Tamburini, de Florença. A carta

informava que Tamburini, naquele dia, estava dando início a uma série de expurgos contra os antifascistas da sua cidade.

«Estamos cansados de não fazer nada», dizia Tamburini. «Eles estão submetendo o fascismo a julgamento, e você não quer assumir as responsabilidades.»

Como se falasse para si próprio, Mussolini explodiu: «O corpo que eles jogaram entre os meus pés não me deixa andar.»

«Que espécie de líder revolucionário é você», retrucou Tarabella, «que tem medo de um cadáver? Você precisa resolver se liquida ou não os chefes da oposição.»

Mussolini estava furioso. «São os assassinos de Matteotti que têm de ser liquidados», respondeu, mas Tarabella e os demais foram implacáveis, percebendo sua fraqueza e isolamento. Como para frisar o seu ponto de vista, um dos homens passou a ponta da sua faca pelo tampo da mesa de Mussolini e gritou: «Se é o que quer, morra você. Nós não queremos morrer!»

Depois disso, sem as cortesias da saudação romana, a delegação retirou-se, com seus membros tão decididos como haviam chegado.

Os eventos dos meses seguintes não deixam dúvidas quanto a quem ganhou a parada. Os assassinos de Matteotti foram condenados a seis anos de prisão, um assunto que ficou resolvido dois meses depois com uma conveniente anistia. Oito decretos novos — desde o cancelamento de passaportes até à exclusi-

vidade do serviço público aos camisas-negras — rapidamente transformaram a Itália num estado totalitário. Todos os locais de reunião suspeitos, tais como as lojas maçônicas, foram fechados; buscas sem autorização, prisões sem mandados e sem fiança estavam na ordem do dia. Em janeiro de 1926, uma penada de Mussolini aboliu todos os partidos políticos, menos o fascista — e no novo código penal os antifascistas andavam juntos com os proxenetas e traficantes de entorpecentes.

Pertenciam ao passado as eleições municipais, o direito de greve e a liberdade de imprensa. Às 10 horas, todas as noites, soavam os telefones nas chefaturas de Polícia de toda a Itália: eram os chefes regionais comparando informações sobre os presos nas ruas sem os documentos de identidade agora obrigatórios. Às vezes, só em Roma eram apanhados 300 cidadãos inocentes. Outros caíam vítimas de uma rede de agentes da chamada OVRA (Opera Vigilanza Repressione Antifascismo), que escutava telefonemas e censurava toda a correspondência recebida do exterior. O sistema do júri foi logo substituído por tribunais especiais, onde não existiam o direito de apelação nem testemunhas de defesa.

Antifascistas com sorte e visão — uns 10.000 deles — escaparam para a França, Estados Unidos e Inglaterra. Para os que ficaram, mais cedo ou mais tarde «*La Madama sorria*» — ou seja, caíam nas garras impiedosas da OVRA. Desses, cerca

de 10.000 foram banidos e condenados a residência forçada nas desertas Ilhas Lipari.

Milhares agora desejavam Mussolini morto, e quatro atentados foram cometidos. Nenhum deu certo.

«As balas passam», dizia ele, «Mussolini fica.»

Somente um dos seus associados exprimiu uma dúvida matreira. Notando que, meses depois da visita dos chefes do Partido, Mussolini caíra com uma avançada úlcera duodenal, ele admitiu: «Nós o obrigamos a tornar-se ditador... mas Mussolini não foi feito para isso.»

Entre o Céu e a Terra

A PARTIR do fim de 1925, durante 12 anos, Mussolini jamais pôs os pés fora da Itália. Durante algum tempo ficou recebendo Chefes de Estado, e por volta de 1929 havia concedido cerca de 60.000 audiências. Nesse ano, porém, mudou-se para o Palazzo Venezia, e foi ficando cada vez mais um líder que trazia o mundo à distância, sentado ao fundo de um salão com 18 metros de comprimento por 12 de largura. Para quem era ali convocado, o primeiro impacto era o de «dois olhos luminosos, à distância de um dia de viagem, escondidos atrás de uma mesa de carvalho». A sala do Duce era tão grande que os seus assessores se comunicavam por sinais. Um braço bem aberto queria dizer «traga um jornal», a mão cortando o ar significava «acabaram-se as visitas».

Esse foi um sinal que ele passou a usar cada vez mais, afastando não apenas os suplicantes, mas também os colaboradores de maior confiança. O novo lema do regime afirmava: «Mussolini tem sempre razão.» Um por um, seus antigos lugares-tenentes, homens que haviam estado ao seu lado durante a Marcha sobre Roma, foram sendo «promovidos» a postos sem o menor poder de decisão. «Mussolini já não quer conselhos», disse um deles. «Quer só aplausos.»

Ele era o recém-coroadado César do século XX e confundia os céticos com suas conquistas espalhadas por todo o país: 400 pontes novas, inclusive a longa Ponte della Libertà, com 3,6 quilômetros de comprimento, ligando Veneza ao continente; 6.500 quilômetros de novas estradas; aquedutos gigantescos que traziam vida nova a regiões áridas como a Apúlia.

Ao sul de Roma, espalhavam-se os alagados de Pontine, quase 60.000 hectares de pântanos primitivos e desolados, que nem Nero ou César haviam conseguido recuperar. Mussolini deu ao Conde Valentino Cencelli, um agrônomo, três anos para resolver o problema. Cencelli resolveu-o construindo 300 quilômetros de canais e drenando terras nas quais surgiriam 3.000 novas fazendas.

«Orgulhe-se de viver na era de Mussolini», diziam os cartazes, em letras do tamanho de casas. Quem senão Mussolini criou 1.700 colônias de férias nas praias e nas mon-

tanhas, para as crianças das cidades? Quem deu aos italianos a jornada de oito horas e os benefícios da previdência social aos velhos, desempregados e incapacitados? Tudo obra de Mussolini, que proclamava como sua única ambição fazer dos italianos «fortes, prósperos, grandes e livres».

Um culto começava a formar-se lentamente à volta do homem. Mulheres grávidas mantinham na mesinha-de-cabeceira o seu retrato, na esperança de que os filhos herdassem suas peregrinas qualidades. Um albergue nas montanhas onde ele se hospedara guardou numa redoma o garfo com que ele comera spaghetti. Um dirigente fascista parecido com ele ficou na maior confusão, um dia, num restaurante, quando viu caçadores de lembranças carregarem a cadeira onde ele se havia sentado.

«Ele não deveria colocar-se assim, entre o Céu e a Terra», advertiu o Papa Pio XI. «Cedo ou tarde, as pessoas acabam derrubando seus ídolos.»

Mas Mussolini era quem mais trabalhava avivando as chamas da adulação. Comícios-monstros, multidões de 50.000, era o que ele queria, enquanto o Duce, as mãos nos quadris, arengava de um balcãozinho pendurado do seu gabinete no Palazzo Venezia. «A multidão adora homens fortes», ele exultava. «É como mulher!»

As 16.000 escolas primárias públicas que ele construiu transformaram-se em nada menos que

seminários fascistas. Seu retrato luzia em cada sala de aula, à esquerda do crucifixo. Na oração da manhã, as crianças entoavam solenemente: «Creio no Duce supremo, criador dos Camisas-Negras, e em Jesus Cristo, seu protetor.» Os problemas de aritmética que as crianças tinham de resolver eram enunciados assim: «Se Mussolini ganha 56 liras por mês como professor, quanto ganha por dia?» E aprendiam que, na verdade, Pinóquio era discípulo do Duce.

«A massa tem de obedecer», ele troava. «Ela não pode perder tempo buscando a verdade.»

«Mais Impiedoso Que Átila»

POR VOLTA de 1933, Mussolini acreditava ser um palmo mais alto que qualquer outro estadista do mundo. A espetacular subida de Adolf Hitler ao poder não o perturbou. «A idéia do fascismo conquista o mundo», dizia ele. «Eu dei a Hitler uma porção de boas idéias. Ele me seguirá.»

Na realidade, Hitler devia muito a Mussolini, e não o negava. Nenhum homem lhe mostrara o caminho do poder como o Duce, ao demonstrar como um candidato a líder podia estrangular Parlamento e imprensa, prender seus adversários e criar um Exército baseado em tiradas patrioteiras.

Apesar de tudo, o primeiro encontro dos dois, em 14 de junho de 1934, não foi dos mais felizes. Durante meses, ativamente insti-

gados por Hitler, nazistas austríacos vinham conduzindo uma guerra subterrânea de terror contra o regime do Chanceler Engelbert Dollfuss. Ansioso de que a Áustria permanecesse como um estado-tampão independente, o Duce resolvera receber Hitler em solo italiano e fazer-lhe uma enérgica advertência. Realmente, a visita toda foi um insulto deliberado.

Quando o avião do Führer estacionou perto de Veneza e Hitler apareceu, as autoridades fascistas ficaram boquiabertas. Contrastando com o uniforme preto de Mussolini, cheio de medalhas, Hitler vestia uma capa de chuva cáqui e um traje civil. Espumando de ódio, ficou parado, branco como papel, enquanto Mussolini fazia uma saudação em alemão. Quando a banda atacou o *Horst Wessel*, furioso, Hitler sibilou para o embaixador alemão: «Por que você não me avisou para vir de uniforme?»

Na conferência que se seguiu entre os dois, assessores ouviram murros na mesa e vozes furiosas. Quando reapareceram, Hitler mexia encabulado no cinto da sua capa e os dois estavam vermelhos, com a raiva estampada nos rostos. Nas 36 horas seguintes, Mussolini fez tudo ao seu alcance para que o seu hóspede se sentisse pequeno. Num desfile em sua homenagem, o Führer ficou meia hora fulo de raiva no palanque, e nem sinal do Duce. Quando Mussolini chegou e a banda começou a tocar, Hitler ficou de olhos arregalados. Pela frente do

palanque desfilaram coluna após coluna de milicianos fascistas de passo errado, barbados, com os uniformes amarfanhados e rotos pela idade. Embora o Führer suspeitasse, mas não tinha a certeza, Mussolini mandara seus soldados passarem assim mesmo, naquela bagunça — a maneira mais sonora que encontrara de demonstrar o seu pouco caso.

Depois de um catastrófico almoço no Lido Golf Club — quando um cozinheiro de propósito pôs sal no café do Führer — os dois ditadores foram passear pelos gramados, de onde não podiam ser ouvidos, discutindo durante duas horas. O protocolo mandava que Mussolini levasse Hitler a passear pelos canais de Veneza — mas não que ele desse imensos bocejos enquanto Hitler, citando o *Mein Kampf*, dizia que todos os povos mediterrânicos não prestavam e tinham sangue negro.

No meio da recepção, naquela noite, Mussolini largou tudo sem a menor cerimônia e foi para casa. Para ele, até à hora da despedida, no aeroporto, na manhã seguinte, seus deveres estavam cumpridos. Hitler, ele acreditava, voltaria para a Alemanha sabendo exatamente o que Mussolini pensava dele — e sabendo que, no tocante à Áustria, a Itália estava falando sério.

Mas Hitler tinha suas próprias idéias. Seis semanas depois, vestindo uniformes do Exército austríaco, nazistas invadiram a Chancelaria Federal em Viena e prenderam Dollfuss, que tentava escapar. As primeiras notícias davam a entender

que Dollfuss era mantido prisioneiro, mas Mussolini não tinha ilusões. Passadas apenas duas semanas do encontro de Veneza, num fim de semana que ficou conhecido como «O Expurgo de Sangue», o Führer liquidara dezenas de camisas-pardas que o haviam apoiado. Espantado, o Duce disse um dia a Rachele: «Ele é mais impiedoso que Átila. Não hesitou em matar os camaradas que o levaram ao poder.»

Ele temia pela sorte de Dollfuss, e, ao entardecer, soube que o austríaco fora morto.

Mussolini agiu rápido, mandando quatro divisões para o Passo de Brenner, que separa a Itália da Áustria. Naquela noite, ao longo da fronteira bávara, soldados alemães ouviram os tanques e os soldados italianos tomando posições de combate.

«Agora deixe-os vir», o Duce ameaçava soturnamente. «Mostraremos a esses cavalheiros que não se brinca com a Itália.»

Era o bastante. Por volta da meia-noite, Hitler recuara. O boletim da agência noticiosa oficial alemã que cantava a queda de Dollfuss foi recolhido; uma nova versão dava o assassinato como questão puramente austríaca. O *putsch* fora prematuro, e, com Mussolini proclamando solidamente a independência austríaca, ao lado dos franceses e ingleses, Hitler ainda teria de esperar.

Numa ceia em família, naquela noite, com Rachele e as crianças, Mussolini foi calmo e objetivo, mas seu filho Vittorio jamais esqueceu

as suas palavras: «E agora», disse ele, «vimos o fim da paz na Europa. Vocês verão que os belos discursos não querem dizer mais nada. Vamos precisar de belos canhões.»

O Amigo Predestinado

CANTANDO a *Giovinezza*, o hino fascista, as tropas italianas invadiram a Etiópia no dia 3 de outubro de 1935. De um só golpe, Mussolini tentava obter uma fértil cabeça-de-ponte na África, desafiar o poder da Liga das Nações e resolver o seu crescente problema de desemprego.

Sete meses depois, ao preço de 1.600 mortos, a guerra do Duce chegava ao fim. Todos os seus objetivos haviam sido alcançados e derrotados todos os inimigos — os etíopes, as 50 e tantas nações da Liga, e até Adolf Hitler, que, secretamente, havia fornecido 16.000 fuzis e 600 metralhadoras à Etiópia, na esperança de que uma Itália enfraquecida não teria como se envolver no futuro da Áustria.

Aparecendo no seu já famoso balcão, Mussolini anunciou a vitória a uma multidão de 400.000 pessoas reunidas na praça. O Duce sabia que essas pessoas, e milhões como elas, o haviam apoiado inteiramente. Do momento em que a Liga das Nações decidira boicotar a guerra e votara sanções contra a Itália, o povo cerrara fileiras em torno da causa de Mussolini. Como o encaravam os italianos, as nações que durante anos haviam humilhado e escarnecido do seu país, rou-

bando-lhe a parte que lhe cabia nos despojos da Primeira Guerra Mundial, agora tentavam negar à Itália um lugar sob o sol africano.

Um holofote dançou até enfocar Mussolini no seu brilho, emoldurado em seu balcão contra um fundo de tapeçarias grenás e velas. Trombetas de prata soaram e, com um rugido de romper os tímpanos, irrompeu uma salva de 21 tiros de canhão. Através dos alto-falantes, potente, rica e vibrante, sua voz derramava a bombástica oratória fascista:

«Camisas-negras da revolução, homens e mulheres italianos, ouçam-me. A Itália tem finalmente o seu império... um Império Fascista.»

O título de Imperador da Etiópia, disse ele à multidão, acabava de ser assumido pelo Rei Vittorio Emanuele e passaria aos seus sucessores. «Merecereis esse Império?»

A resposta veio num rugido da multidão: «*Si, si, si!*» Milhares começaram a gritar «*Duce, Duce!*», um canto selvagem e demente que, quando ele terminou de falar, recusava deixá-lo ir embora, obrigando-o a aparecer várias vezes no balcão.

«Ele é como um deus», observou alguém da sua corte.

«Ele é deus», retrucou outro.

Depois desse triunfo, os discursos de Mussolini ficavam diariamente mais belicosos. «O ramo de oliveira da paz nasce numa floresta de oito milhões de baionetas», disse ele. Pouco a pouco, seus sentimentos

em relação a Hitler começavam a alterar-se. O novo Chanceler da Áustria, um pacifista, não o agradava nada, e numa entrevista ao *Herald Tribune*, de Nova York, Mussolini anunciou: «No outono que vem, convidarei Hitler a fazer da Áustria alemã.»

«Mas», o repórter perguntou, «qual será o futuro da Itália se, por volta de 1940, nenhuma associação de potências mundiais puder enfrentar a Alemanha?» «Nesse momento», Mussolini berrou, de punho cerrado, «a Itália será a aliada da Alemanha!»

Isso era novidade. Tradicionalmente, a Itália alinhava com Inglaterra e França, e na Primeira Guerra Mundial lutara ao lado dos Aliados. Entre Alemanha e Itália existia apenas séculos de desconfiança e inimizade.

Por ironia, o único fascista que Hitler realmente odiava era quem mais trabalhava para colocar a Itália sob influência alemã: Galeazzo Ciano, de 34 anos, que em 1930 se casara com Edda, a filha de Mussolini. Apelidado «*Il Duce*llino», Ciano fora feito Ministro do Exterior havia um ano — para horror dos diplomatas veteranos.

«Achávamos a maior humilhação que a Itália tivesse de negociar com o mundo através de um menino como aquele», recorda um desses diplomatas. No Palazzo Chigi, os funcionários descobriram que qualquer memorando com mais de uma página era posto de lado; o novo ministro passava o tempo no seu

banheiro particular, endireitando a gravata prateada ou verificando os seus sólidos 81 quilos na balança. A maioria dos seus esquemas eram tramados no elegante Acquasanta Golf Club, em Roma, onde um bando de sicofantas bebia cada palavra que saía da sua boca maliciosa. Raramente estava em casa; ele e Edda haviam desde cedo resolvido viver cada um a sua vida. Para ela, isto significava visitas aos melhores costureiros, nos intervalos entre festas e jogatinas que varavam as noites; para o marido, a praia em Ostia, cercado por um enxame de candidatas ao cinema.

Hitler logo ficou sabendo que, nas recepções diplomáticas, Ciano costumava beliscar as senhoras alemãs descaradamente, como qualquer tarado de ônibus. Isto, mais o seu hábito de telegrafar ao cônsul-geral italiano antes das suas visitas à Alemanha, ordenando «Arranje as mulheres», fez que Hitler logo passasse a chamá-lo *Der abscheuliche Knabe* («Aquele garoto abominável»).

No entanto, gozando da confiança do Duce, Ciano era quem mais atacava as potências ocidentais. Foi ele quem convenceu Mussolini, contra suas próprias opiniões, a imitar a Alemanha no seu apoio aos nacionalistas na Guerra Civil Espanhola. O próprio Ciano foi quem, na Alemanha, assinou o pacto que mandaria 70.000 fascistas para a Espanha.

Pouco a pouco, os dois ditadores foram-se aproximando. Em setembro

de 1937, Hitler convidou Mussolini a visitar a Alemanha. «Temos de parecer mais prussianos que os prussianos», declarou Mussolini, e imediatamente pôs três alfaiates desenhando um novo uniforme de gala. Para um observador neutro, ele talvez já parecesse prussiano o bastante, com o peito cheio de medalhas e os uniformes que trocava até cinco vezes por dia.

Ao longo dos cinco dias de visita, Mussolini ficou fascinado com a exibição do poderio militar alemão. A vida inteira um indivíduo fraco que adorava a força, ele via o outrora desprezado Hitler como a personificação do poder, um homem capaz de fazer o mundo tremer, como o menino Benito sonhava um dia fazer.

Na última noite, cerca de um milhão de alemães concentraram-se em Berlim, sob chuva torrencial, para ouvir o Duce prometer: «Quando o fascismo tem um amigo, marcha com ele até ao fim.»

Suas palavras eram predestinadas, pois, na realidade, apunham o selo de aprovação à violação da Áustria, e o Duce, com Ciano ao seu lado, como uma sombra, sabia-o muito bem.

Seis meses depois, as tropas alemãs invadiram a Áustria e acrescentaram sete milhões de súditos ao Terceiro Reich. Dessa vez, Mussolini ficou quieto, não protestou nem mandou tropas para o Passo de Brenner. Uma mensagem diplomática não tardaria a chegar ao Palazzo Venezia: «Mussolini, jamais esquecerei. Hitler.»

«O Engraxate da Alemanha»

HITLER visitou a Itália pela segunda vez em maio de 1938. Mussolini planejou o encontro como um dono de circo, investindo mais de dois milhões de dólares nas pompas do programa de seis dias, que deveria superá-lo tudo o que ele vira na Alemanha. Uma nova estação ferroviária foi construída para ser usada durante 10 minutos. Cerca de 150 quilômetros de fios foram empregados para iluminar as ondulantes fontes de Bernini e as ruas de Roma. Em Nápoles, depois de uma espantosa exibição de precisão naval, as montanhas e a orla marítima explodiram numa festa de luz, um letreiro gigantesco onde se lia «HEIL HITLER» competindo com o brilho avermelhado do Vesúvio.

No fim desse ano, numa emulação escrava de Hitler, Mussolini promulgou o seu próprio manifesto anti-semita, embora no passado ele mesmo tivesse condenado a perseguição hitlerista aos judeus como «estúpida, bárbara e indigna de uma nação européia». Depois da sua viagem a Berlim, ele impusera o *Passo Romano*, versão sua do passo de ganso alemão. Os apertos de mão foram abolidos, substituídos pelo *Saluto al Duce*, parente do *Heil Hitler*.

«Você devia ter vergonha de frequentar a escola de Hitler», disse o Papa. Mesmo muitos dos seus antigos camaradas mostravam-se inquietos. Italo Balbo, um dos que

menos medo tinham de falar, disse-lhe corajosamente: «Você parece que agora é o engraxate da Alemanha.»

Depois da campanha da Etiópia e da Guerra Civil Espanhola, os recursos italianos estavam nas últimas, e Mussolini fez o que pôde para evitar um confronto na Europa. Naquele outono, quando Hitler deixou clara a sua intenção de «riscar a Tchecoslováquia do mapa», foi em grande parte devido à intensa mediação do Duce que saiu o Acordo de Munique. Esse documento vergonhoso, assinado pela Itália, Alemanha, Inglaterra e França—mas não pela Tchecoslováquia—entregava à Alemanha, sem luta, 28.000 quilômetros quadrados de território tcheco, 70 % da sua indústria pesada, 86 % da sua indústria química e todas as suas fortificações.

«Tenho a certeza de que salvei a Europa», disse Mussolini. Mas seis meses depois Hitler despachou suas tropas através da fronteira tcheca e tomou o país inteiro. Mussolini, lembra Ciano, teve medo de dar a notícia à imprensa. «Os italianos vão rir de mim», ele queixava-se, amargurado. «Cada vez que Hitler ocupa um país, ele me manda uma mensagem.»

Ciano conhecia uma verdade ainda pior, que ninguém ousava revelar. Hitler estava tão preocupado com a «solução final» para a Tchecoslováquia que, desta vez, nem lhe passara pela cabeça informar o Duce. Foi por inteiro acaso que o cônsul-geral italiano tomou conhecimento do ataque, enquanto jantava na

casa de Hermann Goering, o que provocou a sua imediata e veemente exigência de que o Duce fosse informado.

Como sempre, foi o Conde Ciano quem sugeriu a via de escape para o seu chefe perante o povo italiano: a invasão não provocada do montanhoso e pedregoso reino da Albânia, situado do outro lado do Adriático.

O Rei, no entanto, opôs-se à manobra. Embora, na realidade, detivesse pouco poder verdadeiro, o Duce ainda ia ao Quirinal duas vezes por semana, às segundas e quintas-feiras, para obter a assinatura de Vittorio Emanuele nos decretos. As relações entre os dois, que jamais haviam sido muito boas, pioravam agora com o estreitamento dos laços com a Alemanha.

«Que interessam aquelas quatro pedras?» grunhia o Rei, enquanto opunha todos os obstáculos possíveis a que o seu país se envolvesse na aventura albanesa. Depois, maliciosamente, à guisa de despedida, disse ao Duce: «Ouvi dizer que em certos círculos você agora é conhecido como o Gauleiter da Itália.»

«Se Hitler tivesse de lidar com um palhaço de um rei, ele jamais teria sido capaz de ocupar a Áustria e a Tchecoslováquia», espumou Mussolini, selando de uma vez o ataque à Albânia. Ao amanhecer da Sexta-Feira Santa de 1939, quatro colunas italianas ocuparam o pequeno domínio, mal disparando um tiro.

Liquidado!

EMBORA Mussolini tivesse afirmado: «Até as pedras se levantariam contra uma aliança com a Alemanha», um pacto militar começava a parecer mais atraente, agora, ao menos para impedir que Hitler tomasse «decisões que não coincidem com os nossos interesses». No dia 22 de maio de 1939, o Pacto de Aço tornava-se realidade, comprometendo-se os dois países a assistirem-se militarmente. Oito dias depois, o Duce mandaria um memorando atrasado, frisando que a Itália necessitaria de pelo menos três anos para preparar-se militar e economicamente.

Hitler não tinha esse tempo todo. Acreditando, erradamente, que Inglaterra e França jamais «pagariam para ver», ele estava decidido a atacar a Polônia em seguida. Mantendo-se estritamente dentro da letra do Pacto de Aço, o Duce mandou avisar que a Itália só poderia ajudá-lo se a Alemanha fornecesse ao seu país as armas e as matérias-primas, e convocou seus chefes de departamentos pedindo-lhes as suas estimativas.

O malicioso Ciano, conhecendo a péssima situação dos preparativos italianos, deu ordem a cada um dos chefes: «Quaisquer que sejam os dados fornecidos pelo seu departamento, multiplique por dois!» Diante da inflacionada exigência de quase 17 milhões de toneladas de material — levaria um ano só para transportar tudo para a Itália — Hitler viu-se forçado a desobrigar o seu

sócio. Mas não mudou os planos. No dia 1.º de setembro, lançou a *blitzkrieg* contra a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial.

Para horror de Ciano, as tropas alemãs ainda não haviam nem chegado à fronteira da Polônia quando bateu na sua mesa o rascunho de um telegrama de Mussolini para o Führer. Anunciava que a Itália marcharia com a Alemanha. Único comentário de Ciano: «Liquidado!»

Um assessor de Ciano sugeriu que retardassem a mensagem: «Vamos almoçar», convidou. «De qualquer forma, tem de ser codificada primeiro.»

Quando voltaram do almoço, Mussolini havia telefonado duas vezes. E o telegrama? Estava sendo codificado, Ciano garantiu-lhe. Quase encabulado, Mussolini disse: «Então não mande.»

Declarando oficialmente o seu estado de não beligerante, Mussolini estava na maior humilhação. Havia demonstrado uma fraqueza «indigna de um homem de estatura histórica».

Diariamente, quase de hora em hora, ele lutava com o desafio da História, incapaz de estabelecer uma política sólida e coerente. Como registrou Ciano no seu diário secreto: «O Duce às vezes parece atraído pela idéia de neutralidade... a fim de recuperar sua força econômica e militar, mas em seguida larga tudo. Agrada-lhe a idéia de unir-se aos alemães.»

As pressões eram enormes. Quando o Subsecretário de Estado americano Sumner Welles o visitou,

em fevereiro de 1940, a fim de pleitear a sua neutralidade, encontrou um homem que parecia «15 anos mais velho que os seus 56 anos, pesadão e estático». Seus cabelos aparados rentes estavam inteiramente brancos e o rosto era flácido.

Os alemães atacaram a Dinamarca e a Noruega a 9 de abril; a 10 de maio, os Países Baixos, e em seguida, a França. «Haverá uma nova Batalha do Marne», predisse Mussolini. «É aí que o *Boche* vai quebrar a cabeça pela segunda vez, e a Itália vai ficar em ótima posição.»

Seu otimismo se mostraria sem base dentro de alguns dias, e, a 29 de maio, mandou chamar o Marechal Italo Balbo, da Força Aérea, e o Marechal Pietro Badoglio, o vencedor da Etiópia. Ele estava pronto, os militares foram informados, para declarar guerra.

Apavorado, Badoglio explodiu: «Excelência, nós estamos absolutamente despreparados; o senhor recebeu relatórios semanais completos.» Desesperadamente, tratava de recapitular o conteúdo desses relatórios: 20 divisões dispunham de apenas 70 % do seu equipamento e outras 20 não tinham mais de 50 %. Muito do armamento disponível só prestava para ser liquidado como sobra de guerra: metralhadoras refrigeradas a água, enferrujadas, canhões do tempo de Garibaldi e tanques tão frágeis que tinham de ser levados em caminhões para os campos de batalha.

«Nós não temos nem camisas que cheguem para o Exército»,

lembrou Badoglio. «Como vamos declarar guerra? É um suicídio.»

Ninguém resumira melhor a situação que o General Carlo Favagrossa, Subsecretário para Produção Bélica, nomeado por Mussolini: «Se toda a estrutura industrial italiana trabalhasse 24 horas por dia, sem parar, o país talvez pudesse entrar em guerra dali a nove anos, em 1949.»

Mas Mussolini andava obcecado com o destino histórico do seu país. Sonhava com ele. Ficar de fora seria não só admitir a inferioridade da Itália, mas a sua própria. No dia 10 de junho, pela primeira vez em nove meses, ele reapareceu no balcão do Palazzo Venezia. «Uma hora marcada pelo Destino brilha nos céus da nossa Pátria», trombe-teou ele. «A hora das decisões irrevogáveis. Foram entregues as declarações de guerra aos embaixadores da Inglaterra e da França.»

Com a voz do Duce estalando de alto-falantes por toda a Itália, quase todos os italianos experimentaram apenas uma sensação de horror. Em Turim, a multidão permaneceu em silêncio de raiva, nenhum grito, nenhum aplauso. E na praça da Catedral de Milão os homens choravam.

Decisões Fatais

ANTES, como nos casos da Etiópia e da Albânia, Mussolini sempre atacara inimigos mais fracos. A França, da mesma forma, não era problema, pois os italianos só en-

traram em combate a 21 de junho de 1940, um dia depois de os franceses terem proposto armistício à Alemanha.

Mas em outubro o Duce atacava a Grécia, apesar das advertências de Badoglio de que a Itália só dispunha de quatro divisões de combate, contra 15 dos gregos. Ao que tudo indica, Mussolini só atacou por causa do seu complexo de inferioridade. «Hitler sempre aparece com um *fait accompli*», ele comentou, cheio de raiva, com Ciano. «Desta vez, vai receber na mesma moeda. Ficarà sabendo pelos jornais que eu ocupei a Grécia. Vamos restabelecer assim o equilíbrio.»

Dentro de meses, os soldados do Duce estavam recuando em todas as frentes, cercados nos portos de Durazzo e Valona, de costas para o mar. Para salvá-los e manter a supremacia alemã nos Balcãs, Hitler teve de lançar mão de 680.000 soldados. Isto desencadeou uma série de eventos que, no fim, obrigou a uma desastrosa mudança de prioridades. O início da «Operação Barba-rossa», a tentativa hitlerista, em 1941, de pôr a Rússia de joelhos, teve de ser retardado de quatro semanas, tempo necessário para mergulhar os alemães no pesadelo gelado do inverno russo.

Nem por isso os esforços do Führer para reparar a loucura do seu aliado salvaram os 20.000 italianos que pereceram nos campos de batalha da Grécia, os 40.000 feridos, os 26.000 feitos prisioneiros e os 18.000 aleijados por congelamento.

Os desastres continuariam a abalar o Duce mês a mês, em todos os teatros de operações, inclusive no da sua vida pessoal. Ambos os seus filhos mais velhos, Bruno e Vittorio (havia ainda Romano, mais jovem, e Anna Maria, a segunda filha) serviam na Força Aérea. No dia 7 de agosto de 1941, quando Mussolini ia entrando no elevador do Palazzo Venezia, alguém chegou com a notícia: «Houve um desastre em Pisa. Seu filho, Bruno, está gravemente ferido.»

Bruno era o favorito do Duce; às vezes, os dois cantavam juntos duetos de óperas. Fechando os olhos e procurando manter-se ereto dentro do elevador, ele pediu a verdade: «Está morto?» O funcionário que trouxera a notícia disse que estava... e, como recordaria mais tarde, «algo dentro de Mussolini desligou-se para sempre».

A partir desse momento, ninguém mais ousava predizer o estado de espírito de Mussolini. Quando o comandante de Bruno o visitou para apresentar-lhe as condolências, o Duce encolheu-se na cadeira como um animal acuado.

«Eu sei exatamente porque você veio aqui», ele gritava. «Eu sei que você e todo o mundo está contente por eu ter sofrido essa perda. Mas eu não quero ouvir nada. Fora daqui!»

Suas decisões, também, ficaram fatalmente prejudicadas. «Ele já não tinha qualquer capacidade de análise», disse um general. Chegou a oferecer a Hitler quatro divisões

para servirem na Rússia, além de 90 aviões que não dispunham de equipamento anticongelante. Nos seus uniformes de verão e com botinas de papelão, esses soldados morreriam, maldizendo o Duce, a 36º abaixo de zero.

Contudo, Mussolini continuava acreditando que representava a vontade do povo e que era adorado. Um velho companheiro de lutas, Giovacchino Forzano, que ainda tentou desiludi-lo, jamais esqueceria a tempestade que a sua atitude fez desabar.

«O amor do povo aos seus líderes», disse-lhe Forzano com franqueza, «dura enquanto as coisas vão bem. Hoje, se o Rei mandasse quatro *carabinieri* ao Palazzo Venezia, ninguém moveria uma palha para ajudar você.»

Forzano jamais vira Mussolini reagir com tão descontrolada violência. O Duce deu um pulo da cadeira. Seu punho desabou estrepitosamente sobre a mesa. Uma voz esganiçada saía dele: «Eu tenho a certeza do amor e da fidelidade dos italianos», ele berrava. «Certeza, eu lhe garanto, tenho certeza, certeza, certeza!»

O punho subia e descia, os olhos negros faiscavam insanos, a voz era cheia de ódio, até que ele começou a espumar. Forzano ficou paralisado pelo choque.

Naquele momento, só um homem, aparentemente, jamais deixaria de acreditar que ele falava em nome de quase 44 milhões de italianos — o próprio Mussolini.

A Tragédia Italiana

POR VOLTA de julho de 1943, a Itália estava nua diante dos seus inimigos. Havia apenas sete divisões de infantaria a postos para defender a península inteira. Dos seis couraçados só três estavam em condições de combater. Desde novembro, a Força Aérea perdera 2.190 aviões.

Na noite de 9 de julho, 160.000 soldados aliados desembarcaram nas praias da Sicília. Chegara a hora da crise.

O caos mental de Mussolini era agora de tal ordem que ele fugia e se escondia desses problemas. Ainda no dia 13 de maio, quando as forças do Eixo na África se haviam rendido, ele se abrigara na sua casa de verão, onde passava os dias cortando artigos de jornais, sublinhando frases com lápis azul ou vermelho. Antes um infatigável administrador, ele agora adiava decisões durante semanas. Certa vez, quando pressionado para resolver sobre dois memorandos que já estavam com longo atraso, não levou nem uma hora para decidir. Embora os memorandos descrevessem soluções radicalmente opostas para um mesmo problema, ele aprovou os dois.

Diante da situação calamitosa, uma semana depois do desembarque na Sicília um grupo de líderes fascistas procurou Mussolini no Palazzo Venezia e insistiu para que ele convocasse o Grande Conselho. Esse órgão, com 28 membros, era formado pelos oito ministros principais

do Gabinete, pelos presidentes da Câmara, do Senado e de certas corporações fascistas, com mais alguns nomeados pelo próprio Mussolini. Fazia muito tempo que o Conselho havia perdido o seu poder e o seu *status*. Há anos que o Duce passava por cima dele, nem sequer se dando ao trabalho de consultá-lo quando da declaração de guerra. Mas seus poderes estavam ali, caso quisessem usá-los.

Irritado, afastando os visitantes de lado, Mussolini fez uma concessão petulante, mas crucial: «Vocês querem o Grande Conselho», disse. «Muito bem, vamos chamar o Grande Conselho!»

Um dos que insistiam na convocação era Dino Grandi. Embora não estivesse presente nesse encontro, Grandi era membro veterano do Gabinete e do Conselho. Irritara frequentemente o Duce com os seus pontos de vista independentes, mas servira honradamente em diversos postos. Agora desempenharia um papel importantíssimo num episódio dramático: a tentativa de depor Mussolini e sair da guerra.

Diversos atentados contra Mussolini vinham sendo tramados nos últimos meses, e Grandi, assim como vários outros altos funcionários, participava de um deles. Mas agora, Grandi percebia, abria-se um caminho constitucional para acabar com Mussolini.

«Esta é a nossa oportunidade», disse ele, quando soube da reunião do Grande Conselho. «Esta é a nossa oportunidade.»

Sua primeira manobra foi preparar uma Ordem do Dia. Seu parágrafo principal, se aprovado, tiraria todos os poderes de Mussolini. Não querendo que a moção fosse considerada uma conspiração, Grandi pediu então uma audiência ao Duce, na esperança de convencê-lo a procurar voluntariamente o Rei e retirar-se da vida pública. Na opinião de Grandi, o Rei ficaria então com o caminho aberto para procurar os Aliados.

Como Grandi o recorda, o encontro durou uma hora e meia e foi surpreendentemente tranquilo. O Duce ouviu em silêncio, quase paciente, antes de dizer: «Você estaria certo se a guerra estivesse perdida. Mas não está. Os alemães estão preparando uma arma secreta que inverterá completamente o equilíbrio.»

Essa era a tragédia da Itália: Mussolini não ousava admitir a derrota.

Outra figura estava destinada a desempenhar um papel vital nos dias que se seguiriam: o Rei. Constitucionalmente, ele tinha poderes para demitir o Premier. Mas, fraco e indeciso, o pequenino Vittorio Emanuele III jamais fora capaz de enfrentar Mussolini. Na verdade, pouco depois da vitória na Etiópia e da proclamação do Império, ele confidenciara: «Fico com Mussolini porque, certo ou errado, ele tem sorte.»

Nos três anos de guerra, o «Espadinha» se tornara quase um estranho junto do seu povo. Levava

uma vida de recluso nas suas propriedades do interior, de uma frugalidade que beirava a loucura, rabisando memos em pedacinhos de papel para economizar papel de carta, rebuscando os caminhos à cata de pregos que pudessem furar os pneus reais. Aos 73 anos, parecia mais velho — enrugado como um peru, o bigode branco como neve, o queixo tremendo sem controle.

Agora, os fatos impeliavam-no para uma decisão que não queria tomar. Passara toda a manhã de 19 de julho na janela emoldurada de marfim da sua vila, ouvindo as explosões distantes. Roma estava sendo bombardeada, com 500 aviões alvejando os pátios ferroviários, dos quais partiam soldados e suprimentos rumo à Sicília, ao sul. Os danos à ferrovia eram consideráveis, assim como às casas dos arredores.

Naquela tarde, o Rei visitou a área destruída. No começo, pouca gente o reconheceu, mas logo foi identificado por uma costureira de nome Angela Fioravanti. O bombardeio derrubara a casa onde ela vivia. Com as próprias mãos, Angela arrancara três dos seus filhos dos escombros, mas uma criança e o marido ainda se encontravam presos, com cal, cimento e tijolos até aos pescoços. Saindo à rua em busca de ajuda, ela viu o Rei a alguns metros, descendo da sua limousine preta.

Uma súbita e louca raiva apossou-se da mulher, que, gritando como uma das Fúrias, o vestido manchado de sangue, correu na

direção do Rei, rogando-lhe várias pragas do folclore romano: «*Va a mori' ammazato!*» (Que morra você, carniceiro!) Um dos ajudantes do Rei tentou tapar-lhe a boca, mas ela livrou-se selvagememente: «Você nos meteu nessa guerra, junto com os alemães! Que é que nossos filhos têm que ver com essa guerra suja?»

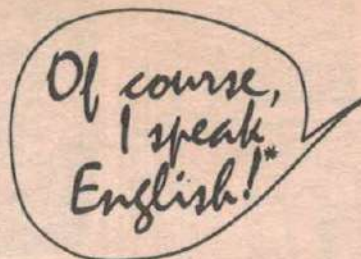
Outras vozes uniram-se à de Angela, e, quando os ajudantes do Rei tentaram distribuir dinheiro, alguns amassavam as notas e atiravam-nas fora: «Não queremos o seu dinheiro imundo», alguém gritou, «queremos paz.»

Quando o carro se afastou, o Rei ia sentado, branco e trêmulo, sem dizer palavra. Sua dinastia milenar estava ameaçada, levada àquela situação por Mussolini.

«O regime não pode continuar», ele murmurou. «A qualquer preço, tem de ser mudado.»

«Você Matou o Fascismo»

O GRANDE CONSELHO reuniu-se na Sala del Pappagallo, no segundo andar do Palazzo Venezia, no dia 24 de julho de 1943, às cinco horas da tarde. A maioria dos seus membros trazia uma sensação desagradável de desastre iminente. Nas últimas 24 horas, Grandi fizera circular a sua Ordem do Dia entre tantos quantos pudera encontrar. Reunidos em grupinhos inquietos, eles trocavam olhares desconfiados e comentários, todos se perguntando se Grandi ousaria apresentar ofi-



*Claro que eu falo inglês!

*Why don't you?**

*E você, por que não fala?



O HOMEM QUE FALA DOIS IDIOMAS VALE POR DOIS.

Napoleão Bonaparte

APRENDA INGLÊS PELO MÉTODO AUDIOMATIC:

Você estuda a lição; responde ao exame; ouve o exercício gravado; repete a audição, pronunciando junto com o professor; grava o exercício com sua voz e remete-nos (se quiser) a fita gravada para nossa apreciação. Esse é o método AUDIOMATIC da Hollywood School of Languages. Conheça-o (é o único com gravador) e comece a valer por dois.



HOLLYWOOD SCHOOL OF LANGUAGES, Depto.
Rua Capitão Salomão, 55 - Cx. Postal 30.663 BHS-10/2
01034 São Paulo, SP
Queira enviar-me GRÁTIS seu catálogo a cores explicando
como aprender a FALAR inglês pelo método AUDIOMATIC.

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ ZP _____
Cidade _____ Estado _____

cialmente a sua moção e como Mussolini manobraria para livrar-se dela. Quanto ao próprio Grandi, ele estava preparado para o pior. Trazia presa à cinta uma granada. Se Mussolini chamasse a Milícia para prendê-lo, ele se suicidaria.

Um grito de *Saluto al Duce* anunciou a chegada de Mussolini, que entrou luzindo o seu uniforme de caporal honorário da Milícia, com as dragonas. Respondendo mecanicamente à saudação, os homens ergueram os braços e tomaram os lugares à mesa em forma de ferradura.

Gente que queria estar bem, sicofantas e agentes secretos há meses haviam advertido Mussolini de que aqueles homens conspiravam. Ainda na véspera o chefe de Polícia apresentara-lhe um *dossier* completo dos encontros secretos, mas o Duce nem olhara. «Esse pessoal existe porque *eu* existo», disse ele. «Vivem dos reflexos da minha glória. Eu faço um discurso e entra todo o mundo na linha.»

Assim, durante quase duas horas ele falou, monotonamente, tentando justificar a sua associação com a Alemanha e a sua conduta da guerra. Recitou estatísticas, como se elas pusessem tudo nos eixos; a tonelagem de matérias-primas importadas da Alemanha desde 1940, a produção de armamentos nos últimos 31 meses. A certa altura, emergiram algumas duras realidades: o Exército dispunha apenas de duas divisões eficientes, a Força Aérea estava reduzida a 200 aviões e a Marinha

já não ousava aventurar-se em mar aberto. De repente, sem prevenir, ele passou a falar na derrota do Eixo em El Alamein.

«Eu predisse a data do ataque», afirmou ele, «23 de outubro de 1942... E por quê? Os ingleses, deliberadamente, tentaram prejudicar o brilho do 20.º aniversário da Marcha sobre Roma.»

Pela mesa toda, os delegados murmuravam, incrédulos. Ninguém ousava olhar-se nos olhos.

Tenso, Grandi esperava o seu momento. Dos 28 membros, conversara com 14 apenas, e até agora somente 12 haviam assinado a Ordem diante dele. Seria, pensou ele, agora ou nunca. Grandi levantou-se.

«O povo italiano», disse ele, «foi traído por Mussolini no dia em que ele começou a germanizar a Itália. Esse é o homem que nos atirou nos braços dos alemães. Arrastou-nos para uma guerra que é contra a honra, os interesses e os sentimentos do povo italiano.»

O silêncio que pairava no grande salão era o de uma câmara mortuária. Poderia alguém dizer a Mussolini toda a verdade e sobreviver para contar a história? À cabeceira, o Duce estava inerte, caído numa cadeira longe de Grandi, as mãos protegendo os olhos.

Grandi encarava Mussolini: «Permita-me dizer-lhe», ele falava com desprezo, «que a Itália perdeu-se no dia em que você pôs os ramos dourados de marechal no seu quépi. Tire esses ornamentos ridículos, essas plumas e essas penas. Seja

de novo o Mussolini das barricadas — o nosso Mussolini!»

Grandi falou durante uma hora, e depois voltou ao seu lugar. Outros pediram a palavra. Giuseppe Bottai falou em seguida, depois Ciano, calmo, lógico, citando cada uma das traições de Hitler ao Pacto de Aço. «Fomos mais traídos que traidores», disse Ciano.

Mussolini olhava o genro com gélido desprezo. «Eu sei quem é o traidor», disse ele, suas palavras carregadas de ameaça.

À meia-noite, finalmente, após sete horas de reunião, Mussolini sugeriu que a reunião continuasse no dia seguinte. Mas Grandi, presentindo uma armadilha, levantou-se de um salto: «Não, não», gritava ele. «Temos de decidir agora. Vamos ficar aqui e votar.»

Foi decidido um intervalo de 15 minutos, e Mussolini retirou-se para um salão ao lado. Sete horas antes, somente 12 pessoas apoiavam a moção de Grandi, mas esse breve intervalo produziu uma chuva de assinaturas. Agora contava com 19.

Quando retomaram os seus lugares, Mussolini recomeçou a falar, agora num tom dramático. Aceitando inteira responsabilidade pela guerra, falou sobre os seus 20 anos de trabalhos, confessando que, aos 60 anos, «poderia até, nestas circunstâncias, contemplar o encerramento desta maravilhosa aventura». Depois, pouco a pouco, foi ganhando confiança: «O Rei e o povo estão do meu lado. Amanhã, quando contar ao Rei sobre esta reunião, ele dirá:

‘Alguns dos seus homens o abandonaram, mas eu, o Rei, estou com você.’ Pergunto-me o que acontecerá amanhã aos que esta noite ficaram contra mim!»

«O Duce está fazendo chantagem!» gritou Grandi. «Está tentando obrigar-nos a escolher entre a nossa antiga lealdade à sua pessoa e a nossa devoção à Itália. Cavalheiros, não podemos hesitar um instante. A Itália é a nossa escolha!»

Carlo Scorza e Enzo Galbiati, porém, levantaram-se para falar a favor de Mussolini. «Quantos mais», Grandi se perguntava, «renegariam no momento da verdade? Perdemos», ele pensou com amargura.

Começaram a votar. Com a granada à cintura, Grandi recordava seus temores do começo. Se levassem aquilo até ao fim, o Duce certamente mandaria prendê-los. Ou, quem sabe, talvez quisesse perder a votação, apresentar a Hitler um fato consumado e, assim, tirar a Itália da guerra.

Começaram a contar os votos. O silêncio parecia interminável. Finalmente, ouviu-se o resultado: «Sim, 19; Não, 7; uma abstenção.»

Mussolini começou a erguer-se. Runindo seus papéis, disse: «A moção de Grandi está aprovada. A reunião está encerrada.» Encarando o adversário, cheio de ódio, disse: «Você matou o fascismo.»

Súbito, alguém deu o grito ritual: «*Saluto al Duce!*» Mas Mussolini imediatamente fez um gesto como se afastasse algo desagradável: «Não, não, não precisa mais disso!»



Sempre estive aqui. A História confirma. Daqui saíram os portadores do nome da sua estirpe. E aqui chegaram voando conosco, para encontrar-se com suas raízes.

Da América à Espanha pela IBERIA, buscando as pedras ancestrais que levam o indício do seu nome.

Você também, quando venha seguindo no encalço de uma recordação... venha conosco. E no momento em que entrar no avião sentirá essa atmosfera de atenção pessoal, essa maravilhosa sensação de que o entendem, essa cálida hospitalidade da IBERIA, que a tornou a via aérea de quem está mais habituado a viagens intercontinentais. Nós faremos tudo ao nosso alcance para que a sua «viagem ao sol da Mãe-Pátria» seja, realmente, o que você espera.

Deixe-se levar pelas nossas asas... Lembre-se de que todos os nossos vôos intercontinentais levam à Espanha.

IBERIA

dá asas a seus sonhos



**IBERIA LINHAS AÉREAS
INTERNACIONAIS DA ESPANHA**

234 AGÊNCIAS EM 50 PAÍSES

Fecha-se a Armadilha

NA TARDE seguinte, com o seu secretário Nicolo de Cesare, Mussolini relaxava no banco de trás do carro que o seu motorista conduzia pelas ruas em direção à Villa Savoia, a propriedade do Rei a alguns quilômetros de Roma.

Recuperara grande parte da sua confiança. De manhã, assegurara ao General Enzo Galbiati, o chefe da Milícia: «O Rei sempre me apoiou firmemente.» E, para tristeza de Galbiati, recusou-se a permitir a prisão dos membros dissidentes do Conselho. Já não se sentia ameaçado, explicou a outro funcionário, homem de Grandi. «O seu voto e os dos seus amigos não têm a menor importância. O Grande Conselho é chamado apenas a opinar. Estive revendo os estatutos, e o Rei confirmará que eu tenho o direito de ignorar o resultado da votação.»

A pedido do Rei, ele vestia um traje civil — um terno sóbrio de sarja azul, chapéu alto e luvas cinza-pérola na mão. Diminuindo a marcha ao aproximar-se do portão de ferro da vila, o motorista deu o sinal habitual — duas buzinas rápidas e estridentes.

Atrás dele, os três carros conduzindo os guarda-costas do Duce frearam violentamente. Como sempre, segundo a etiqueta, ficariam esperando ali fora.

A 400 metros do portão, no lado norte da vila, o Capitão de *carabinieri* Paolo Vigneri ficou tenso ao ouvir a buzina. Era o sinal que ele esperava.

Os 50 *carabinieri* que compunham a sua força ouviram também e trocaram olhares nervosos. Ao saírem do quartel, naquela tarde, pensavam que iam à caça de pára-quedistas americanos. Agora, escondidos nos terrenos da vila, juntamente com três agentes à paisana e uma ambulância da Cruz Vermelha, sabiam exatamente o que fazer.

Entrando no salão térreo, muito seguro, Mussolini começou: «Vossa Majestade terá ouvido sobre a brincadeira de crianças da noite passada.»

O Rei interrompeu-o: «Não foi nenhuma brincadeira de crianças!» exclamou, irritado. Perplexo, Mussolini deu-se conta de que não tinha sido convidado a sentar-se. Ficou de pé, os olhos fixos no Rei, que, agitado, andava pelo salão de um lado para outro, as mãos às costas. «Não se incomode», disse o Rei quando Mussolini tentou mostrar-lhe os seus papéis. «Eu sei de tudo.» O Rei parou, e Mussolini novamente tentou falar: «Majestade, a votação do Grande Conselho não tem o mínimo valor.»

De novo o Rei interrompeu-o. Lamentava muito, retrucou, não partilhar da opinião do Duce. O Grande Conselho era um organismo estatal criado pelo próprio Mussolini. Terminavam ali 20 anos de luta silenciosa entre os dois, e o Rei já não conseguia controlar o seu profundo rancor. «O resultado da votação do Grande Conselho é importantíssimo», disse. «Não se iluda que a votação não expressa o sentimento do país em

relação a você. Você é, hoje, o homem mais odiado da Itália. Não pode contar com um único amigo, a não ser eu.»

Mussolini não conseguia aceitar o resultado lógico daquilo tudo. «Mas, se é como diz Vossa Majestade», disse ele, embrulhando as palavras, «eu deveria apresentar a minha demissão.»

«E eu devo dizer-lhe», respondeu o Rei, fechando a armadilha, «que aceito incondicionalmente.»

Subitamente, o Rei recordaria mais tarde, «Mussolini tremeu violentamente, como um homem atingido por uma bala de canhão». «Então, isto é o fim», ele murmurou penosamente, deixando-se cair, ainda sem convite, numa poltrona.

Do lado de fora da vila, o Capitão Vigneri entrou na ambulância. Descendo lentamente pelo caminho em declive, o veículo aproximou-se do pórtico de entrada da vila. O motorista recuou cuidadosamente até a sua porta traseira ficar diante da escadaria.

O Rei argumentara acaloradamente contra a prisão dentro da propriedade real. «Enquanto me restar vida no corpo, não darei uma ordem dessas», ele dissera. Mas, haviam-lhe retrucado, a prisão do lado de fora do portão, nas ruazinhas estreitas, com os guarda-costas do Duce ali por perto, provocaria uma batalha sangrenta — talvez até um contragolpe fascista e uma guerra civil.

Como sempre, o Rei não disse sim nem não — limitou-se a abrir

as mãos espalmadas, num gesto de impotência.

Foi tudo muito rápido. Enquanto Mussolini descia as escadas, o Capitão Vigneri, com passos enérgicos, embargou-lhe o caminho. «Duce», ele disse, em posição de sentido, «Sua Majestade ordenou-me que protegesse a sua pessoa.» Mussolini olhava sem entender. «Mas não é preciso», disse, cansado, voltando-se para o seu carro. «Duce», insistiu Vigneri, «eu tenho uma ordem a ser cumprida.» Vigneri colocou-se diante de Mussolini, bloqueando o caminho. Delicada, mas inexoravelmente, empurrou-o para a ambulância.

De Cesare, secretário de Mussolini, embarcou atrás, assim como os agentes à paisana e alguns dos *carabinieri* que se aproximaram correndo. «Mas, essa gente, também?» protestou Mussolini. Vigneri limitou-se a dar de ombros. «Entrem logo», ordenou-lhes. «Rápido.»

Minutos depois, a ambulância disparava pelos portões da vila em direção ao quartel Podgora, dos *carabinieri*, em Roma, freando perto de uma entrada onde se encontrava o Tenente-Coronel Santo Linfozzi. Os passageiros começaram a saltar pela porta de trás. De repente, Linfozzi deixou cair o cigarro, «como se fosse uma vespa», e pôs-se em posição de sentido. «Duce», exclamou, aproximando-se do grupo. «Mas quanta honra!»

Mussolini limitou-se a encará-lo. «Coronel», disse Vigneri, fazendo-lhe a continência, «o Duce é nosso hóspede. Tenha a bondade

de mandar abrir o cassino dos oficiais para que ele possa ficar à vontade.»

O coronel levou-os até um pequeno salão de estar. Mussolini aceitava tudo sem emoção, mas De Cesare, bufando de ódio, dirigiu-se a Vigneri: «E se o Duce quiser sair daqui?»

Vigneri não se alterou: «Ele não vai poder sair.»

«E se quiser telefonar?» De Cesare insistiu, apontando o telefone sobre a mesa. Vigneri fez que não com a cabeça — e momentos depois entrava um oficial que, com três canivetas, cortou os fios.

Planos Tenebrosos

NAQUELA NOITE, a notícia da queda de Mussolini percorreu as sete colinas de Roma como um incêndio na floresta. As pessoas telefonavam-se umas às outras, sem parar, ou gritavam abertamente pelas janelas. Houve quem saísse à rua como estivesse, de camisola e de pijama, abraçando-se, rindo e chorando.

O que ninguém ousara naqueles últimos 20 anos, valia tudo aquela noite. Com armas improvisadas, invadiram as sedes do Partido Fascista, armando fogueiras com as mesas, cadeiras e retratos de Mussolini. Do alto de escadas, em dezenas de prédios, canteiros lançaram-se ao trabalho arrancando das paredes o *fascio* detestado que significara tantos anos de servidão. No Corso, um engraçadinho deu alarma: «Cuidado... lá vem o Duce!» Durante um mo-

mento, a multidão espalhou-se, cheia de medo. Mas o que veio abaixo foi um busto de bronze do Duce, rolando de um balcão.

A Via Nomentana ficou coberta por um tapete brilhante de distintivos fascistas. As águas amarelas do Tibre levaram centenas de uniformes negros para o mar. De repente, parecia, não existiam mais fascistas.

Na manhã seguinte, a notícia chegou ao General Dwight D. Eisenhower, Comandante-Chefe Aliado na África do Norte. Ele tomava o café da manhã com Robert Murphy, assessor do Presidente Roosevelt, e Harold Macmillan, porta-voz de Winston Churchill. Eisenhower achava que, agora, os italianos sairiam da guerra rápida e honrosamente. Os dois civis discordavam. «Os italianos podem desejar a paz», Macmillan resumiu, rispidamente. «O problema deles é como consegui-la.»

Tão otimista quanto era líder, Eisenhower não conseguia esconder o seu contentamento. «Bob, Harold», ele gritava, «podem me acreditar! O negócio todo está desabando!»

Mas longe, ao norte, nesse mesmo dia, planos tenebrosos estavam sendo forjados. Diante de Hitler, no quartel-general do Führer em Rastenburg, na Prússia Oriental, estava o Capitão S.S. Otto Skorzeny, que chefiava a secretíssima Escola de Segurança do Estado. Sua tarefa era treinar agentes em todos os aspectos, desde a autodefesa à sabotagem — e agora, ficara sabendo, ele próprio entraria em atividade.



LOOK FOR
THE
SHEAFFER
"WHITE DOT"

De tudo o que se pode dar em
prata só um presente tem o
«Ponto Branco»

Da coleção «Ponto Branco», da
Sheaffer, a Silver Imperial. Fabri-
cada segundo a tradição dos melho-
res instrumentos de escrita do mundo.

SHEAFFER
the proud craftsmen

SHEAFFER, WORLD-WIDE, A **textron** COMPANY

«Mussolini, meu amigo leal e camarada de armas», Hitler falava, emocionado, «foi traído pelo seu Rei, ontem, e preso pelos seus próprios compatriotas. Não posso permitir que o maior filho da Itália fique nessa situação. Temos de resgatá-lo imediatamente, antes

que seja entregue aos Aliados.»

Com 50 homens escolhidos, todos falando italiano, Skorzeny embarcou no dia seguinte para Roma, a caminho da sua espantosa missão.

A segunda parte deste livro aparecerá no próximo número de Seleções.

(Tradução de Adriano Bastos)



QUEM lida com crianças sabe que elas estão constantemente testando os limites além dos quais não lhes é permitido passar. Quando os pais finalmente dizem «Não, daqui não pode passar», longe de sentir-se frustrada, oprimida ou sufocada pelas limitações, a criança sente-se feliz e profundamente aliviada.

A anarquia, um mundo sem regras e a liberdade total aterrorizam a criança. O extremo da liberdade seria abrir a porta e dizer-lhe «Saia», que seria também a última coisa neste mundo que ela desejaria ouvir. A verdade é que a idade permissiva é um fracasso entre os próprios jovens. Embora sejam os últimos a reconhecê-lo, a liberdade sem limites está na própria raiz da sua inquietação.

— J. C.



Classificados Clássicos

«Vende-se: Uniciclo, selvagem e indomado; montado, mas jamais cavalgado.»

«De regime, obrigado a vender: Liquidificador, frigideira e máquina de fazer pipocas. Tudo em boas condições.»

— B. S.

«Precisa-se: Barzinho em bairro agradável procura balconista simpática e calma, para cuidar dos nossos fregueses alegres e bebedores de cerveja. Não precisa experiência anterior. Nossos fregueses a treinarão.»

«Vende-se: Velharias autênticas e tradicionais. Trinta e cinco anos juntando.»

66 Entre Aspas 99

HÁ inúmeras maneiras de dividir e classificar os homens, mas, para mim, a distinção mais importante deve ser feita entre aqueles que dedicam sua vida a conjugar o verbo «ser» e os que se dedicam a conjugar o verbo «ter».

— S. J. H.

QUEM tem filhos sempre há-de ser, em algum momento, o pai do filho pródigo, a quem só resta manter a casa aberta à esperança.

— J. C.

TALVEZ a única coisa com que todas as pessoas, em qualquer altura da vida, estão sempre de acordo, é que ganham de menos e gastam demais.

— B. V.

A APARENTE serenidade do passado é uma película de óleo espalhada pelo tempo.

— L. F.

NÃO SEI porque as pessoas exigem constantemente novas peças de teatro. Que seria dos concertos se a gente quisesse sempre novas músicas?

— C. B.

MEUS amigos são os meus bens. Perdoem-me, pois, a avareza com que os acumulo!

— Emily Dickinson

A CONSCIÊNCIA ocupa mais espaço que todo o resto das entranhas de uma pessoa.

— Mark Twain

AS MENINAZINHAS querem ser princesas, mas os meninozinhos não querem ser príncipes — e desses dois pontos de partida diferentes resultam todas as confusões, contradições e desentendimentos do namoro e casamento.

— Sydney J. Harris

JÁ OUVIRAM alguém dizer que a fealdade, como a beleza, é apenas superficial?

— S. F.

SE BASEASSEM seu conteúdo em pesquisas de opinião, como faz a indústria de televisão, os jornais seriam feitos quase só de histórias em quadrinhos.

— Erwin Canham

OS ANOS ensinam muita coisa que os dias nunca sabem.

— Ralph Waldo Emerson

Seção de Livros
2.ª Parte

DUCE! ASCENSÃO E QUEDA DE MUSSOLINI



Richard Collier

DUCE! ASCENSÃO E QUEDA DE MUSSOLINI

Richard Collier

Tempo houve em que Benito Mussolini, criador do fascismo, aparecia no seu pequeno balcão em Roma, as mãos nas cadeiras, o queixo jogado à frente, e ficava recebendo a delirante adulação de gigantescas multidões. Mas, por volta de 1943, sua malfadada aliança com Adolf Hitler trouxe a ruína ao país e às suas ambições. Deposto, destituído de todos os cargos, tornou-se um joguete patético na desesperada tentativa hitlerista de evitar a vitória aliada.

Baseado em centenas de entrevistas pessoais com participantes, Richard Collier pinta o retrato dramático desses dias trágicos e tumultuosos.

Na intimidade, com todos os detalhes, o leitor acompanha o desenrolar do destino melancólico de Mussolini, e pode, mesmo levando em conta as barbaridades do fascismo, repetir as palavras de Eisenhower: «Meu Deus, que fim mais ignóbil!»

HAVIA duas décadas que Roma esperava essa noite. De uma emissora instalada na Via Asiago, falando em nome do Marechal Pietro Badoglio, a voz enérgica do locutor chegava através de milhares de receptores: «Sua Majestade o Rei-Imperador aceitou a renúncia de Benito Mussolini e nomeou Pietro Badoglio Chefe do Governo.»

Pelas sete colinas da velha capital, a notícia corria de rua em rua, e a cidade que testemunhara os triunfos de César e Domiciano assistia agora a uma explosão de emoções que ninguém jamais esquecerá.

«Você ouviu, hem?» perguntava o guarda do Presídio Regina Coeli a um dos seus prisioneiros políticos. «Já não é mais Mussolini, agora é Badoglio.» E às pressas, como o faziam milhões de outros naquele momento, ia esclarecendo a sua posição: «Como você sabe, *eu* nunca fui fascista.»

Da noite para o dia, aparentemente, não havia um fascista na Itália, e as camisas negras tornaram-se raras como geadas no verão. Naquela tarde, 25 de julho de 1943, *Il Duce*, Benito Mussolini, o homem que fizera da palavra «fascismo» sinônimo de tirania, fora deposto e destituído de todos os seus cargos.

Esquecidos estavam aqueles dias turbulentos de 1922, quando Mussolini e suas milícias organizaram a Marcha Sobre Roma e impuseram um Governo fascista ao Rei Vittorio Emanuele III. As vitórias dos primeiros anos, a conquista da Etiópia

em 1936, a proclamação do Segundo Império Romano ao som de «Duce! Duce!» berrado por 400.000 vozes aprovadoras — tudo isso era passado, perdido na loucura de uma guerra mundial na qual ele embarcara com o seu sócio do Eixo, Adolf Hitler. Seu Exército fora derrotado na África do Norte, a Marinha e a Força Aérea estavam dizimadas, Roma era bombardeada e 160.000 soldados aliados haviam desembarcado na Sicília.

Com o desaparecimento do Duce — não se sabia o que lhe acontecera, nem onde estava — era de tal ordem o caos na Itália que muita gente pensava que a guerra terminaria rapidamente. Mas um dramático último ato da vida de Mussolini estava ainda por ser representado. Na Alemanha, preparavam-se planos desesperados para salvar o Duce.

Temendo que os italianos abandonassem em massa a causa do Eixo, Hitler planejava um contragolpe com o nome de código «Operação Alarico». No dia da queda de Mussolini, somente oito divisões alemãs prontas para combate estavam baseadas em solo italiano. Na madrugada seguinte, mais três divisões, trazendo inscrito nos capacetes de aço «Viva Mussolini», disparavam pelo Sul através dos passos alpinos. Se a Operação Alarico se tornasse realidade, seriam despachadas mais tropas, mas antes havia algo essencial: o salvamento do Duce.

Naquela noite, o homem a quem Hitler escolhera para encontrar Mussolini foi convocado ao quartel-

general do Führer, em Rastenburg — o Capitão S. S. Otto Skorzeny, altamente qualificado para a missão. Grandalhão, violento, moreno, guardando dos seus tempos de estudante cicatrizes de duelo na face, Skorzeny era o chefe de uma escola altamente secreta onde agentes nazistas recebiam treinamento em todas as matérias da sua especialidade — da autodefesa à sabotagem.

Hitler jamais vira Skorzeny antes, mas falou-lhe cheio de emoção: «Mussolini, meu leal camarada de armas, foi ontem traído pelo seu Rei e preso pelos seus próprios compatriotas. Não abandonarei o meu querido amigo. Ele tem de ser resgatado imediatamente, antes que seja entregue aos aliados.»

Skorzeny lançou-se prontamente ao trabalho, bombardeando Berlim com mensagens pelo teletipo e telefonemas. Queria 50 agentes da sua escola, todos falando italiano. Pediu uniformes tropicais, trajes civis, armas e silenciadores, gás de riso, gás lacrimojante, equipamento para cortina de fumaça e 30 quilos de explosivo plástico; como medida de garantia, ele solicitou ainda um estoque de notas falsas de libras inglesas e dois trajes completos de padre jesuíta.

Uma vez instalados na Itália, porém, Skorzeny e seus ajudantes viram-se às voltas com um problema. Até recentemente, Hitler proibira expressamente espionagem contra o seu aliado. O trabalho básico de anos teria de ser executado às carreiras. Os primeiros relatórios que

bateram na mesa do Adido Policial alemão em Roma eram espantosos pela sua variedade: segundo um dos relatórios, Benito Mussolini suicidara-se; outro informava que o Duce recuperava-se de um ataque cardíaco numa clínica no Norte; ainda um terceiro dizia que ele estava disfarçado como humilde camisa-negra na frente siciliana.

Para assinalar o 60.º aniversário de Mussolini, a 29 de julho, Hitler enviara uma coleção da obra de Nietzsche, encadernada em couro. Querendo fazer a entrega pessoalmente, o Marechal de Campo Albert Kesselring, Comandante-Chefe do Comando Sul alemão, procurou o Rei e Badoglio. Foi-lhe dito apenas que Mussolini estava bem, encontrando-se sob proteção pessoal do Rei. No devido tempo, prometeu Badoglio, chegaria às suas mãos o presente do Führer.

A situação continuou por um mês, até que o Adido Policial, Tenente-Coronel S. S. Herbert Kappler, teve um golpe de sorte. Gostando de fotografar a cores, ele frequentemente saía a passear de manhã pela Via Appia Antiga, para aumentar sua coleção de slides e também para encontrar-se com um informante do Ministério do Interior italiano. Por volta de 1.º de setembro, o informante entregou a Kappler uma mensagem enviada por um inspector de Polícia, dirigida ao Ministério. A mensagem dizia: «Foram completados os preparativos de segurança na área de Gran Sasso d'Italia.»

Um Camponês Arrasado

DESDE a sua deposição, Mussolini vinha sendo levado de lugar em lugar, numa brincadeira de esconder cheia de lances, visando a impedir que ele caísse nas mãos de Skorzeny. Ao ser preso, fora levado para o Quartel Legnano, dos *carabinieri*, em Roma. Dias depois, às escondidas, fora transferido para a ilha-prisão de Ponza. Em seguida, apareceu na tranquila base naval de La Maddalena, ao largo da extremidade norte da Sardenha. Skorzeny localizara-o aí, mas o Duce fora novamente removido — desta vez para a Cordilheira de Gran Sasso, na Itália Central. Parecia um esconderijo perfeito.

Pouco mais de 100 quilômetros a leste do Lago Bracciano, o topo pontiagudo do Monte Corno de Gran Sasso ergue-se, coberto de neve e recortado, a 2.700 metros acima do nível do mar, o ponto mais alto dos Apeninos italianos. Ao seu pé, a 2.000 metros de altitude, existe um platô muito procurado por esquiadores. O único acesso ao único hotel da região é por meio de um funicular que sobe 900 metros, desde a aldeia de Assergi, no fundo do vale. Como Skorzeny suspeitava agora, o bem guardado Mussolini era o ocupante solitário do hotel deserto.

Amarfanhado, a barba por fazer, os olhos negros enormes no rosto emaciado, Mussolini pouco lembrava o Duce arrogante. No Quartel Legnano, ele ainda conseguira man-

ter vestígios da antiga pompa, e, perplexo, perguntara a um *carabiniere* por que a banda já não tocava a *Giovinezza*, o hino fascista. Mas para os que estavam com ele em Gran Sasso, o ex-ditador parecia apenas um camponês arrasado, conformado com o seu triste destino. Sua única esperança era ser libertado pelos alemães, o que, àquela altura, parecia impossível. Na realidade, embora não o soubesse, seus guardas tinham ordens de matá-lo ao menor sinal de uma tentativa de resgate.

Mussolini estava vivo pela graça do Rei e do Governo de Badoglio, mas esse regime arrumado às pressas também estava caindo. No dia 3 de setembro, os italianos assinaram a rendição aos aliados, e cinco dias depois o General Eisenhower anunciava o início do armistício. No mesmo dia, 169.000 soldados aliados desembarcaram em Salerno. Os termos do armistício eram duros, mas Badoglio anunciou a aceitação pelos italianos. Entre as suas cláusulas, a de n.º 29 dizia: «Benito Mussolini será imediatamente preso e entregue aos aliados.»

Ouvindo pelo rádio a notícia do armistício, Mussolini fez uma patética tentativa de cortar o pulso esquerdo com uma lâmina de barbear. Em seguida, chamou logo um guarda, que passou iodo no arranhão.

No dia seguinte, no que é um dos mais tristes capítulos da história da Itália, Badoglio, o Rei e toda uma corte de ajudantes e diplomatas fugiram de Roma. Tratavam de

escapar aos alemães, que, a seguir ao armistício, desencadeavam a Operação Alarico. Mas naquela confusão e caos, com as tropas nazistas desarmando os italianos e assumindo a defesa do país, os aliados continuavam sem saber onde estava o Duce.

Skorzeny, pelo seu lado, estava certo agora de ter encontrado a sua caça fugidia. Ao primeiro sinal de que o Duce poderia estar na região de Gran Sasso, pusera seus agentes a trabalhar. Soube que muitos *carabinieri* estavam sendo transferidos para acampamentos à volta de Assergi, de onde partia o funicular, e que haviam sido estabelecidas barreiras em todas as estradas. Aldeões irritados comentavam que o pessoal do hotel tinha sido demitido sem aviso. Um oficial médico alemão que recebera ordens de inspecionar o hotel, sob pretexto de procurar um local para abrigar vítimas de malária em convalescença, foi proibido de entrar no funicular e ameaçado de prisão.

Esse dado convenceu Skorzeny e a sua equipe de que Mussolini tinha de estar ali. O problema era como chegar a ele antes que o levassem embora.

Um ataque terrestre à estação no vale estava fora de cogitação. Os *carabinieri* poderiam facilmente imobilizar o funicular. Reconhecimento aéreo indicava que um lançamento de pára-quedistas era impossível. Fortes correntes aéreas atirariam a maioria dos pára-quedistas nas fissuras abaixo do Monte Corno. Restava apenas tentar com

planadores, e, assim mesmo, especialistas calculavam as perdas em 80 %, por causa das fortes correntes termiais, capazes de jogar com os planadores como se fossem folhas de papel.

Mas o risco tinha de ser corrido. Aeronaves foram ordenadas: 12 aviões rebocadores e 12 planadores. Cada planador levaria 10 homens armados, pára-quedistas ou agentes S. S. de Skorzeny. Os tripulantes das quatro primeiras aeronaves invadiriam e ocupariam o hotel, mas nenhum tiro seria disparado enquanto não fosse dado sinal com um foguete vermelho. Se o plano fracassasse, os soldados restantes deveriam liquidar os italianos com morteiros e metralhadoras.

Faltava mais um item: um aviãozinho de reconhecimento Fieseler-Storch, que, além de helicópteros, era o único capaz de pousar no local. Se tudo corresse bem, na volta o piloto teria um passageiro importante.

«Heil, Duce!»

Os AVIÕES e planadores levantaram vôo de um aeroporto perto de Roma à uma hora da tarde de 12 de setembro, e uma hora depois estavam nas vizinhanças do Monte Corno. Skorzeny estava no planador líder. À sua frente, o avião soltou o cabo de 15 metros e o planador começou a descer.

O piloto examinava o terreno nervosamente. As únicas fotografias do local que ele havia visto durante os preparativos eram umas cópias

14×14, nas quais o hotel aparecia no canto esquerdo, uma mancha escura com um terraço de concreto branco à volta da sua fachada sul. O resto era uma paisagem lunar, com seus contornos achatados de forma antinatural. A oeste havia, porém, uma mancha triangular que parecia ser um prado, e este havia sido escolhido como único local possível para o pouso.

Agora a mancha escura começava a ganhar forma — um edifício baixo em forma de ferradura. Encontravam-se diagonalmente sobre ele, a 140 metros de altitude, e homenzinhos que pareciam formigas disparavam da sua entrada principal. Nessa altura, todos os pilotos avistaram nitidamente o «prado» triangular. O ansiado campo de pouso era, na realidade, a principal pista de esquí!

Com o solo se aproximando rapidamente dele — macegas, capim calcinado e encostas — o piloto de Skorzeny jogou o planador violentamente para cima, atirando a tripulação de encontro aos seus assentos. Nesse momento, funcionaram os *flaps* de freio, e o planador veio abaixo, com o arame farpado que envolvia os seus esquis, a fim de reduzir o deslizamento no pouso, batendo como chicotes nas pedras que roçavam. Aos trambolhões, despedaçando-se como uma caixa de fósforos, o planador acabou parando a menos de 20 metros do terraço do hotel.

Lá dentro, o Inspetor-Geral Giuseppe Gueli tomou uma decisão

rápida. Embora suas ordens em relação a Mussolini fossem muito claras, a fuga de Badoglio deixara todo o mundo nervoso. Com os alemães assumindo o controle, mesmo a Central de Polícia, em Roma, vinha recomendando «extrema prudência». Num quarto do terceiro andar, tirando a sesta, completamente nu, Gueli pulou da cama exatamente no momento em que o Tenente Alberto Faiola vinha entrando às carreiras. «Que fazemos nós?» Faiola perguntou, e Gueli deu a ordem: «Entregamo-nos sem discutir!» Os dois penduraram-se na janela, aos berros: «Não atirem! Não atirem!»

Na sua própria janela, a careca de Mussolini era plenamente visível, e ele também gritava: «Não derramem sangue!»

Por todo o platô os planadores vinham-se arrebetando e parando; botinas soaram nos degraus do hotel com protetores de aço; cães de guarda latiam furiosamente no porão. O *Obersturmführer* Karl Menzel, saltando do seu helicóptero, ficou tão aturdido com os sons de combate e com a sua primeira visão de Mussolini que deixou escapar um estentóreo «Heil, Duce!» Sentiu então uma dor terrível subir-lhe pela perna direita. Tendo caído de mau jeito numa vala, fraturara o tornozelo.

Seguido por Otto Schwerdt, um rigoroso suboficial, Skorzeny atingiu o edifício principal. Por uma porta entreaberta, percebeu um soldado agachado sobre um transmissor.

Um pontapé de Schwerdt fez voar longe o banquinho onde o soldado se sentava; a coronha da pistola-metralhadora MP-38 de Skorzeny, com os 90 quilos do S. S. empurrando-a, esmagou o aparelho. O mundo exterior não ficaria sabendo de mais nada.

Correndo pelo terraço, Skorzeny chegou à entrada principal. Um bando de *carabinieri* em uniformes verde-cinzentos bloqueava-lhe os passos. Ele continuou distribuindo golpes com a sua arma, abrindo caminho à força por entre os homens. Schwerdt seguia-o gritando: «*Mani in alto!*»

No segundo andar, por instinto,

Skorzeny escancarou a porta do quarto 201. Num relance, ele absorveu a cena: um corredor de entrada, com um porta-chapéus e um guarda-roupas, um banheiro com azulejos amarelos, uma cama de casal, uma poltrona de couro e uma foto de Bruno, o filho de Mussolini morto em 1941 num desastre aéreo. Do meio do quarto, três homens olhavam-no apatetados: dois oficiais — Gueli e Faiola — e Mussolini.

«Duce», anunciou Skorzeny, «vim a mando do Führer. O senhor está livre!» Fervorosamente, Mussolini abraçou-o e beijou-o, dizendo: «Sabia que o meu amigo Adolf Hitler não me abandonaria.»



Dentro da Ravina

SIMULTANEAMENTE com o ataque ao hotel, pára-quedistas entraram em Assergi e tomaram a estação do vale. Com isto, os alemães podiam descer no funicular, levando com eles os prisioneiros italianos. Mas, com uma presa importante como Mussolini, uma jornada de quase 150 quilômetros por território desconhecido era arriscado demais. O aviãozinho de reconhecimento era a única saída.

Conforme os planos, um segundo Fieseler-Storch pousara perto da estação do funicular, mas o piloto agora informava que estava com problemas numa roda. Isto significava que só havia agora um aparelho para levar os dois, Mussolini e Skorzeny, até Roma; daí eles seguiriam num avião de bombardeio rumo a Viena.

Skorzeny tomou uma decisão rápida. Ele tinha de ir com o Duce. O piloto, Heinrich Gerlach, recusou-se terminantemente. O avião mal aguentava um passageiro — como acomodar ele próprio, Mussolini e mais os 90 quilos de Skorzeny?

«Imagine se algo acontece no caminho», argumentava Skorzeny, «e você morre. Se ele se perder, e eu fracassar na missão do Führer, vou ter de meter uma bala na cabeça.»

Cheio de preocupações, Gerlach percorreu de novo os 200 metros da primitiva pista em declive, que os soldados haviam aberto remo-

vendo as pedras maiores. Ao alto, o Monte Corno disparava para o céu de outono. Naquela direção era impossível levantar. Para fazê-lo, teria de taxiar com o perigoso vento nordeste por trás dele, direto em direção à boca da ravina. Se tivesse sorte, estaria no ar quando a atingisse.

Com Skorzeny a bordo, no entanto, não teriam a menor possibilidade. Ao voltar, espumando de raiva, Gerlach disse-lhe exatamente isto.

Skorzeny continuava a discutir. Hitler jamais perdoaria se a aventura acabasse assim. Qualquer que fosse o destino do Duce, ele tinha de estar junto. Insistiu tanto que Gerlach acabou cedendo: «Muito bem, seja tudo como Deus quiser. Vamos embora. Mas, se algo acontecer na decolagem, a responsabilidade é *minha*.»

Skorzeny saltou para bordo e acorrou-se atrás do banco de passageiro. Vestindo um capote velho e um chapéu mole, escuro, Mussolini seguiu-o. Quando o aviãozinho arremeteu, os pára-quedistas fizeram a saudação romana, mas os gritos de «*Evviva*» e «*Heil*» perderam-se no rugido do motor. Dando tudo, o avião corria sacudindo-se pela encosta.

A cinco metros da ravina, Gerlach tentou levantar o avião, mas não conseguiu. Com um golpe violento, a roda direita bateu numa pedra. A asa esquerda pendeu para o lado, e, numa fração de segundo, o aparelho descia bordejando a ravina,

mergulhando em direção ao vale como um elevador descontrolado.

Skorzeny soltou um grito agudo. Mussolini não disse palavra. O corajoso Gerlach empurrou a alavanca para a frente, aumentando a velocidade de descida. No último momento, a escassos 30 metros do fundo do vale, ele tirou o avião do mergulho e, à velocidade máxima, descreveu um arco sobre as casas e os vinhedos lá embaixo.

Mussolini não parecia abalado pelo perigo que passara. Para espanto de Skorzeny, começou a comentar, como se fosse um guia turístico: «Ali é Aquila», ele apontou. «Foi aí que, há 20 anos, fiz um discurso para uma multidão enorme...»

Pousaram perto de Roma às cinco e meia da tarde, o circuito de óleo vazando, um montante da asa direita completamente destruído.

Apertando calorosamente as mãos de Gerlach, Mussolini falou em alemão, língua que ele agora teria razões prementes para aperfeiçoar: «Muito obrigado, você salvou minha vida.»

«Bom Demais»

MUSSOLINI chegou a Rastenburg no dia 15 de setembro, e Hitler esperava-o no aeroporto. Aparentemente, foi cordial o encontro dos dois envelhecidos ditadores. Ao saltar do JU 52, lágrimas corriam dos olhos do Duce. «Führer», disse ele, «como poderei agradecer tudo o que fez por mim?» Hitler também parecia profundamente emocionado,

correndo impulsivamente para apertar as mãos de Mussolini.

Mas o clima mudou na sala de estar privada de Hitler. «Que fascismo é esse», perguntava Hitler, «que derrete como neve sob o sol?» Exausto e deprimido, Mussolini escutava em silêncio, querendo que aquilo acabasse logo. Ele não estava em condições de discutir a situação italiana.

Hitler, porém, já tinha os seus planos. Mussolini deveria anunciar imediatamente a abolição da Monarquia e que um Estado Fascista Italiano chefiado pelo Duce tomava o seu lugar. «Desta forma», disse o Führer, «o senhor assegurará a absoluta validade da aliança teuto-italiana.»

Mussolini fez um gesto tímido... precisava de tempo para pensar. Mas não tinha que pensar, Hitler já resolvera.

O Führer fez mais exigências. A mais importante referia-se ao Grande Conselho italiano, o organismo que, na dramática reunião a 24 de julho, por 19 votos contra 7 e uma abstenção, resolvera destituir Mussolini. Entre os seus membros encontrava-se Galeazzo Ciano, marido de Edda, filha de Mussolini. Político matreiro, o Conde Ciano chegara rapidamente a Ministro do Exterior e fora em grande parte responsável pela submissão de Mussolini à influência alemã. Mas naquela crucial reunião do Conselho ele denunciara Hitler e as maquinacões que haviam envolvido a Itália na guerra desastrosa.

Agora, Hitler exigia, cuidariam do Grande Conselho — dos seus membros que ainda não haviam fugido do país — principalmente de Ciano, «traidor, mil vezes traidor». E Ciano não fugira; os alemães o tinham numa vila perto de Munique.

Mussolini protestou energicamente. «Trata-se do marido da minha filha, a quem eu adoro», ele dizia, «o pai dos meus netos.»

«Duce», Hitler replicava, implacável, «o senhor é bom demais. Jamais poderá ser um ditador.»

Com isto, Hitler encerrou a conversa. Os dois voltariam a encontrar-se no dia seguinte. Em poucas e ríspidas palavras, Hitler descreveu o destino que aguardava o Norte da Itália se Mussolini não concordasse em restabelecer um Governo fascista. Falou em novas armas — «armas diabólicas», ele chamou-as — criadas para destruir Londres. Fechando lentamente a mão direita em punho, de repente abriu-a espalhando os dedos e disse: «Cabe-lhe decidir se essas armas serão usadas em Londres ou se serão experimentadas primeiro em Milão, Gênova ou Turim. O Norte da Itália terá inveja do destino da Polônia, se o senhor não respeitar a aliança. Nesse caso, naturalmente, Ciano não lhe será entregue... será enforcado aqui na Alemanha.» Em nenhum momento, afirmava Mussolini, Hitler lhe deixara a menor escolha.

No dia 18 de setembro, Mussolini falou pelo rádio, conclamando os homens e mulheres da Itália a

reorganizarem-se sob a sua alquebrada bandeira. Foi assim que surgiu a «República de Salò», um regime-títere que recebeu o nome de uma cidade no Lago Garda, a cerca de 500 quilômetros de Roma, perto do novo quartel-general de Mussolini.

Mas nem Hitler agora alimentava muitas ilusões. Numa frase pungente, ele resumiria a crua realidade que pairava sobre os 600 dias que Mussolini ainda reinaria: «O Duce não tem grande futuro político», disse ele a Josef Goebbels.

Fim Sangrento e Terrível

CIANO foi devolvido à Itália no fim de outubro e mantido numa prisão do século XVI em Verona. Cinco outros membros do Conselho foram localizados, sendo presos em celas adjacentes. No dia 14 de novembro, o Congresso do Partido Fascista condenou-os unanimemente à morte.

Edda Ciano fez um apelo ao pai para que soltasse o seu marido. Fraco, Mussolini disse que não poderia passar por cima da lei e interceder pelo genro. Pessoalmente, ele perdoara Ciano, mas dezenas de outros não haviam esquecido nem perdoado. Hitler, principalmente, queria ver se ele seria capaz de manter-se firme diante do destino de Galeazzo.

Até a mulher do Duce, Rachele, se opunha à clemência. «O Duce», gritara ela a Ciano, antes de ele ser preso, «não é uma peça de mobília que a gente joga no porão quando

está farto dela.» Desde o começo de novembro, quando se reunira a Mussolini no Lago Garda, ela jamais deixara de insistir em que Ciano fosse julgado. Mussolini não discutia com ela. A sua tragédia era a de um homem tão fraco que não ousava sequer demonstrar compaixão.

«Se você se ajoelhasse na minha frente morrendo de sede», Edda lhe disse, amarga, «na sua frente eu jogaria fora o último copo de água do mundo.»

No passado, Edda fora a impulsiva e arrogante filha de um ditador; agora era uma mulher em pânico, tentando desesperadamente salvar a vida do marido. Restava-lhe uma cartada. Durante anos, Ciano mantivera um diário secreto, anotando e documentando todas as intrigas e maquinações dos escalões mais altos da Itália e da Alemanha. Esses documentos tinham grande valor para certas pessoas, pois poderiam ser usados para derrubar outros do poder.

Foi feito um acordo clandestino: Edda entregaria parte dos papéis em troca de uma fuga da prisão, encenada por agentes alemães. Uma vez confirmada a chegada de Ciano à Turquia, através de uma rota secreta conhecida da S. S., ela então entregaria o diário e o resto dos documentos.

Na noite de 7 de janeiro de 1944, Edda dirigiu-se para o local de encontro, a oeste de Verona. Firmemente atados ao seu corpo iam oito volumes dos papéis de Ciano,

dos quais tinham sido arrancadas as capas. Ela, porém, esperou em vão. No último minuto, Hitler tivera conhecimento da trama e telefonara ao General Wilhelm Harster, chefe da segurança alemã em Verona. Harster fazia parte do plano, mas Hitler não deixara dúvida: «Se Ciano escapar, você perde a cabeça.»

O julgamento de Ciano e dos outros cinco começou a 8 de janeiro. Um dos juízes caracterizou-o como «um ato de vingança, não de justiça». Assim, os resultados eram praticamente conhecidos de antemão: todos foram declarados culpados. Um foi condenado a 30 anos de prisão e os cinco restantes — inclusive Ciano — à morte.

No segundo dia de trabalhos, os bancos do tribunal destinados ao público, anteriormente vazios, subitamente encheram-se de camisas-negras. Empunhando pistolas, eles cobriram todas as entradas e escadarias do prédio. «Não nos queiram mal por isto», disse um deles a um dos advogados. «Não temos nada contra vocês. Mas se aqueles ali não forem declarados culpados, nós aqui terminamos o trabalho. Não se esqueça de baixar a cabeça para não ficar no caminho da bala.»

Um pelotão de fuzilamento de 30 homens executou os cinco, no dia 11 de janeiro, disparando de 10 metros de distância das vítimas amarradas e indefesas. Foi um fim sangrento e terrível.

Dias depois, Don Giuseppe Chiot, o capelão de cabelos grisalhos do presídio de Verona, que partilhara

com os réus sua última noite na Terra, fez uma visita a Mussolini.

«Como foi a tragédia?» perguntou Mussolini, sem rodeios.

«Como o senhor desejava», respondeu o padre.

O Duce defendeu-se. «Mas *eu*, como? Ignora o fato de que havia juízes presentes no julgamento?»

O padre descartou a objeção. «Ninguém ousaria sentenciá-los sem o seu consentimento.» Calmamente, sem temor, Don Giuseppe foi duro com o ditador. Ele confundira traição ao fascismo com traição à Itália. «Há muito que o povo italiano separou as duas coisas», disse ele.

Mussolini tinha a cabeça entre as mãos — já não era o Duce. «Como foi a última noite deles?» ele implorou, umedecendo os lábios.

Todos eles, o padre recordou, haviam estado próximo de Deus. Haviām-se reunido numa cela para conversar pela noite adentro... o diálogo de Platão sobre a Imortalidade da Alma... a Última Ceia... Cristo no Jardim de Getsêmani.

Ciano guardara a sua amargura quase até ao fim. «Jamais darei esse prazer a Hitler e Mussolini», ele explodira quando os convidaram a assinar um pedido de clemência. Ciano só aceitou quando lhe disseram que não assinando prejudicaria seus camaradas.

«O senhor precisa saber de tudo», insistiu Don Giuseppe. «O seu genro amaldiçoou-o porque o senhor negou o perdão.» Mas um dos condenados insistiu em que ele

perdoasse, pondo as mãos nos ombros de Galeazzo e lembrando-lhe que estavam prestes a comparecer perante o tribunal de Deus.

«Sim», dissera Ciano então, «todos nós fomos varridos pela mesma onda. Diga à minha família que morro sem rancor de ninguém.»

Trêmulo, Mussolini interrompeu-o: «À minha família, foi isso que ele disse?»

«Sim», confirmou Don Giuseppe, «incluía o *senhor* também.»

Mussolini ficou com os olhos fixos no padre por um longo momento, até que a dor irrompeu dele como uma hemorragia e ele deixou-se cair para diante, chorando convulsivamente.

De repente, a idéia ocorreu a Don Giuseppe: O pedido de perdão jamais fora enviado. Ele jamais o viu, mas o Duce não admite esse fato. Tem medo de mostrar a que ponto os alemães o dominam.

Na realidade, Mussolini passara a noite esperando a petição dos prisioneiros. Os que tinham resolvido que não haveria perdão impediram que a recebesse.

Os olhos molhados, o Duce pegou as mãos do padre, tentando sorrir. «Eles me perdoaram, não é verdade?» suplicou. Depois de um momento, acrescentou: «Por favor, não conte lá fora o que o senhor viu aqui.»

Don Giuseppe ficou olhando para Mussolini. «Parece uma criança», pensou, «exatamente como os condenados de Verona nas suas últimas horas.»

Profecia Sinistra

MUSSOLINI, que no passado admirara o poderio nazista, agora gemia sob o seu peso. Não só os alemães haviam escolhido a sua residência no Lago Garda, como destacaram 30 S. S. para guardá-lo dia e noite. Uma rede de barreiras mantinha-a isolada do mundo, sendo seu único acesso ao exterior uma central telefônica controlada pelo Exército alemão, pela qual passavam todos os seus chamados.

Seu exército estava aos pedaços. Três novas divisões, treinadas na Alemanha, retornaram à Itália sem equipamento. «Eles não querem que a minha República tenha um exército!» queixava-se Mussolini. Somando aos seus problemas, em setembro de 1943 a população de Nápoles rebelara-se abertamente e tentara romper o controle nazista. Milhares de pessoas, muitas delas comunistas e socialistas, escaparam para as montanhas, o núcleo de uma força de partisanos que logo alcançaria o número de 200.000 resistentes.

No passado, o lar sempre fora uma ilha de tranquilidade em meio aos tormentos de Mussolini. Mesmo numa vila romana, Rachele levava a vida como se estivesse numa casa de fazenda na Romagna, usando avental e criando galinhas no quintal. «Você sabe dirigir o Governo», dizia ela, «mas não sabe dirigir esta família.» Agora, porém, a tranquilidade da sua vida familiar fora destruída quando Rachele des-

cobrira que Claretta Petacci estava vivendo também em Lago Garda.

Claretta era amante de Mussolini havia mais de sete anos. Filha de um antigo médico do Vaticano, toda a vida ela adorara o Duce, a ponto de dormir com um retrato seu sob o travesseiro. Decorava-lhe os discursos, mandava-lhe poesias e ficou desapontada quando ele não aceitou o convite para a festa do seu 14.º aniversário.

Haviam-se encontrado pela primeira vez em 1933, quando a jovem tinha 21 anos. Durante os meses seguintes, Claretta foi chamada talvez uma dúzia de vezes ao Palazzo Venezia, quartel-general de Mussolini em Roma, para breves conversas. A essa altura, a relação era platônica. Em 1934, Claretta casou-se com um jovem tenente, mas dois anos depois resolveu separar-se. Daí em diante, a sua presença diária no Palazzo Venezia era assunto em todos os salões romanos. Só Rachele não sabia de nada, e ficou sem saber até Mussolini ser deposto. Que havia outras mulheres na vida do Duce, casos ligeiros, sem consequências, ela sempre soubera; mas uma ligação que durava havia sete anos era algo diferente.

Agora, em outubro de 1944, revoltada com a rival que ousara tomar residência ali no lago, ela resolvera tirar as coisas a limpo. Imponente no seu traje xadrez, dirigiu-se à vila de Claretta acompanhada pelo Ministro do Interior, Guido Buffarini-Guidi, e um caminhão cheio de policiais. Foi

recebida no portão pelo *Obersturmführer* Franz Spoegler, guarda-costas de Claretta. Spoegler insistiu em que Rachele ficasse do lado de fora do portão e correu para o telefone a fim de avisar Mussolini. Descreveu rapidamente a situação e ouviu a respiração forte de Mussolini do outro lado. Mas o Duce resolveu fazer um gesto: «Não tenho nada contra o encontro das duas. Mas, se uma delas erguer a voz, você encerra a conversa.»

Spoegler voltou, indo encontrar uma Rachele furiosa tentando escalar os três metros de altura do portão, enquanto Buffarini puxava-a freneticamente pela saia e implorava: «Desça, Excelência, desça.» Aproveitando a confusão, Spoegler entrou na vila e ficou sabendo que Mussolini já telefonara e convencera Claretta a encontrar-se com Rachele. Claretta vestiu-se para acabar com a rival — um vestido de encher os olhos, peles e jóias. Ao oferecer-lhe o braço para descer as escadas, Spoegler teve um pensamento que o deixou inquieto: «Isto está um pouquinho provocador.»

E não estava errado. Rachele foi logo dando o tom do encontro: «Assim se veste uma mulher que é *mantenuta* do chefe de uma nação... e olhe para mim... eu sou casada com ele.»

Aquilo de *mantenuta* fez Claretta reagir com violência. «Ela é louca, louca perigosas!» gritava. «Tirem-na daqui.» E desmaiou logo em seguida.

Sem se impressionar, Rachele

comentou: «Conheço esses desmaios... já vi isso. Ninguém morre por tão pouco.»

Claretta acordou do desmaio, e, persistente, Rachele voltou ao ataque. Por ela e pela Itália, exigia que Claretta pusesse fim à relação. Claretta, mais jovem, reagia: o Duce precisava dela, ela era o seu apoio moral. Suas cartas eram prova disso!

«Quero ver!» desafiou Rachele.

Claretta foi ao telefone e chamou Mussolini. Pediu licença para ler trechos de cartas suas para Rachele. «Mas isso é mesmo necessário?» gaguejou o Duce, suando. «Indispensável», afirmou Claretta.

No Salão Vermelho da vila, Rachele esperava, roída pelas preocupações. A manhã toda sentira uma estranha inquietação. Desde agosto, quando os alemães haviam executado 15 partisanos na Piazzale Loreto, em Milão, tinha havido uma chuva de cartas anônimas ameaçadoras. De repente, a pracinha se tornara símbolo da vingança dos partisanos. Naquela mesma manhã, Rachele recebera uma dessas cartas, que a deixara profundamente perturbada. «Vamos botar *você* na Piazzale Loreto», dizia a carta.

Claretta reaparecia agora com as cartas detestadas, atadas por um laço cor-de-rosa, e isto era a última gota. Cada frase que a mulher lia — «Eu preciso das suas palavras», «Hoje senti falta de você» — queimava como ácido. Rachele foi-se chegando, e de repente tirou o maço de papéis das mãos de Claretta.

Spoegler entrou em ação. Uma fera, Rachele meteu-lhe as unhas na mão esquerda que tentava pegá-la, fazendo uma ferida tão funda que Spoegler tem cicatrizes até hoje.

Na confusão, Claretta tornou a telefonar a Mussolini, que mandou chamar o alemão. «É terrível isso, Spoegler. Faça parar! Acabe com isso!» gritava o Duce, a voz angustiada.

Para o alemão, o caso todo agora se equilibrava perigosamente entre a farsa e a tragédia. No fim, Rachele deu-se conta de que era inútil. Cheia de amargura, após mais de duas horas, a mulher do Duce admitiu a derrota.

Depois, ainda atormentada pela mensagem anônima recebida naquela manhã, tornou a perder o controle. Lançando-se em direção à porta de saída, cheia de raiva e frustração, gritou, profética: «Vai acabar mal, Signora! Eles a levarão para a Piazzale Loreto!»

O Último Suspiro

PERSEGUIDO por problemas pessoais, de pés e mãos atados pelos alemães, Mussolini continuava alimentando o ego com sonhos de glórias reconquistadas. Já em 4 de junho de 1944 os primeiros blindados aliados haviam entrado em Roma — e a derrota era uma questão de tempo. Entretanto, seis meses depois, em dezembro, o Duce ia a Milão e falava desafiadoramente das novas armas que ele vira na Alemanha e que poderiam levar o

Eixo, finalmente, à vitória. No Teatro Lírico de Milão, diante de 2.000 pessoas, fez um brilhante discurso, cheio de bravatas, transmitido por alto-falantes para toda a cidade.

Ao deixar o teatro, depois do discurso, mulheres saíram correndo, cobriram-no de flores, arrancaram-lhe as dragonas, fizeram-lhe marcas de batom nas mãos. No dia seguinte, numa procissão triunfal pela cidade, 40.000 pessoas aplaudiram-no historicamente.

Era o último suspiro do fascismo. Já iam adiantados os planos para uma heróica batalha final num bastião de montanha, tendo sido escolhido como reduto o Valtellina, de 70 quilômetros de comprimento, ao norte de Milão. Ainda existiam no vale fortificações da Primeira Guerra Mundial. Havia estações geradoras de energia elétrica, hospitais... e acessos diretos para a Alemanha e a Suíça através de passos nas montanhas. O plano, que prometia ser um último esforço italiano, livre do jugo alemão, agradava ao Duce. «Gosto muito dessa idéia», disse ele aos seus ajudantes. Morrer em glória, em Valtellina, preservaria a sua lenda na História.

Claretta Petacci tinha outras idéias. Pelo seu guarda-costas, Spoegler, ela ficara sabendo de um esconderijo a 1.800 metros de altitude, nas Montanhas Dolomitas, para onde ela e o Duce poderiam ir. Spoegler levava-a até lá duas vezes, de trenó. Haviam conversado com um casal de velhos que vivia numa cabana

perdida num pinheiral. Claretta explicara-lhes que talvez duas pessoas viessem ali viver durante anos, mas que nenhuma pergunta deveria ser feita. Quando eles concordaram, ela tratou de convencer Spoegler a levantar o assunto com Mussolini. Para seu grande alívio, o Duce não explodiu. Ao contrário, ouviu com atenção, murmurando: «Sei... estou vendo...» Claretta tinha resolvido todos os problemas relacionados com a fuga. Parte da viagem seria difícil, teria de ser feita à noite, a pé, mas Spoegler estava falsificando licenças de trânsito de maneira a poderem passar pelas barreiras alemãs.

As coisas, entretanto, estavam acontecendo rapidamente. Mussolini contava que os alemães aguentassem a situação no Pó, mas certas altas patentes alemãs, na realidade, já estavam secretamente negociando a rendição. No dia 21 de abril, os aliados tomaram Bolonha e lançaram-se para noroeste. Dois dias depois, um ajudante enviado por Mussolini para investigar a frente retornou coberto de pó, suando em bicas, e contou-lhe toda a verdade: «Um desastre», conseguiu final-

mente dizer. «Não sobrou nada.»

«Mas os alemães estão defendendo o Pó», teimou Mussolini.

«Os alemães não estão defendendo mais nada, meu Duce», retrucou o ajudante. «Estão com um avião só e nenhuma artilharia. O senhor deve ordenar uma retirada imediata para Valtellina. O comando alemão não existe mais.»

«Dizem que estão jogando flores nos aliados, em Bolonha», disse Mussolini. «Não pode ser verdade!»

O ajudante não fez rodeios: «Infelizmente, é. O povo está pronto a abraçar qualquer um que traga tranquilidade.»



«A Última Página»

ATÉ AO ÚLTIMO INSTANTE, Mussolini ficou hesitando sobre o muro, sem saber para que lado pular, incapaz de tomar uma decisão. A certa altura, inclinou-se pelo plano de Valtellina... e logo recuou. A região estava coalhada de partisanos comunistas, seus assessores observaram, e eles haviam ameaçado explodir as estações geradoras se os fascistas entrassem. «É absurdo pensar numa resistência em Valtellina», disse um deles. «Bolonha caiu! Pela frente só há catástrofe militar!»

Enquanto isso, Claretta continuava firme no seu esquema, mas para Spoezler confidenciou seu medo de que a idéia de Valtellina acabaria prevalecendo. «Vamos ter de metê-lo num carro e arrastá-lo», disse ela, quase desesperada e sabendo que jamais o poderia fazer. Por volta de 24 de abril, ela começava a temer que Mussolini pudesse partir de repente, sem avisar, em direção ao vale. Ela *não podia* deixá-lo ir sozinho. Mandando chamar um amigo fascista, pediu um uniforme cinza-esverdeado das Forças Auxiliares Femininas. Envergonhando-o, talvez pudesse seguir o Duce. «Por favor», ela pedia, com urgência, «eu vou morrer com ele.»

Em último recurso, Mussolini chegou a negociar com os partisanos. Um entendimento poderia evitar um levante em Milão, partisanos contra fascistas, capaz apenas de trazer terríveis sofrimentos para todos. Mesmo então as ruas exibiam

um clima pesado, com muitas lojas fechadas por precaução. Diante dos edifícios públicos, os guardas haviam ostensivamente despidido os uniformes e vestiam agora trajes civis.

Mas os partisanos exigiam a rendição incondicional. Mussolini recuou diante disso, e o encontro, ocorrido em Milão, no dia 25 de abril, não chegou a nada. O Duce retornou ao seu quartel-general, seguido dos seus ajudantes, na maior confusão. Para um dos seus mais ardorosos seguidores, a única solução parecia ser pegar Mussolini e levá-lo à força para Valtellina, para que o fascismo pudesse «morrer em momento de beleza». Mas o Duce teve mais uma das suas temperamentais mudanças de idéia. Iriam todos para o Lago Como, 50 quilômetros ao norte.

A mudança foi feita numa caravana de 30 carros e caminhões. Em Como, o Duce continuava cheio de indecisões. A certa altura, pareceu inclinado a buscar refúgio na Suíça.

Finalmente, diante das notícias da queda de Milão e de incursões dos partisanos nas montanhas próximas, Mussolini rabiscou uma carta de adeus a Rachele: «Cheguei ao último capítulo da minha vida, à última página do meu livro. Peço-lhe perdão por todo o mal que involuntariamente lhe causei. Mas você sabe que é a única mulher que jamais ameí realmente.»

Claretta, fazendo valer a intenção que anunciara, viera de Milão com Mussolini e permanecia com ele agora, assim como os velhos líderes

do Partido Fascista. Todos os demais o abandonaram. Os homens reunidos para a última resistência em Valtellina sumiram. Abalada a sua fé em Mussolini, temerosos dos partisanos nas montanhas, centenas chegavam a exhibir no pescoço o lenço vermelho da Resistência. Quando Mussolini perguntou quantos o acompanhariam, veio a resposta melancólica: «Doze.» Ali estava, ao vivo, o sonho de Valtellina — mais uma fantasia fascista, bombástica e vazia de significado como um dos discursos do Duce.

Finalmente, tomara uma decisão. «Sairemos às cinco da manhã. Esperemos que nos seja possível atingir a Embaixada alemã em Merano antes do cair da noite.»

O Duce Disfarçado

O COMBOIO se compunha de 40 veículos, liderados por um carro blindado com uma metralhadora de 20 mm na torreta e duas armas menores dos lados. Atrás dele seguia Mussolini, dirigindo o seu próprio Alfa Romeo. O grupo fora reforçado por 200 homens de guarnições antiaéreas da Luftwaffe que recuavam.

O carro blindado serpeava no seu caminho ao longo da estrada que acompanhava o Lago Como na sua margem ocidental, mas, 10 quilômetros ao norte de Menaggio, um prego de três pontas colocado na estrada pelos partisanos furou o pneu traseiro direito, e o carro, agora conduzindo Mussolini,

foi obrigado a parar. Três alemães saltaram do carro blindado. Caía uma chuva leve. Cerca de 50 metros à frente, viram uma barricada feita de troncos de castanheiro e pedras. Para a esquerda, a margem pedregosa erguia-se direta para as montanhas; para a direita, caía brusca rumo ao lago. Um local perfeito para uma emboscada.

Os partisanos eram poucos e mal armados. Estavam blefando e esperavam que os alemães não estivessem dispostos a lutar, com a guerra praticamente acabada.

No alto de um murinho de pedra que flanqueava o lago apareceu um lenço agitando e uma delegação de três partisanos aproximou-se do comboio. Seu líder era Pier Luigi Bellini, um florentino magro e de barba negra, que comandava a 52.^a Brigada Garibaldi, baseada nas montanhas.

O Tenente Hans Fallmeyer falava em nome dos alemães. A coluna se dirigia a Merano, explicou, e não estava interessada em brigar com italianos. Bellini balançou a cabeça. Suas ordens eram não deixar ninguém passar. «Vocês estão cobertos por morteiros e metralhadoras», ele advertiu. «Podemos acabar com vocês em 15 minutos.»

Bellini perguntou quantos italianos Fallmeyer tinha consigo. Impassível, o alemão omitiu Mussolini e seus ministros. «Alguns civis, nos quais não tenho o menor interesse. Só estou preocupado com os meus homens.»

Para deixá-los passar, Bellini expli-

cou, ele teria de obter licença da sua divisão. Se o alemão viesse junto e discutisse o caso, talvez obtivesse licença para prosseguir. Houve uma discussão sob a chuva fina, mas Fallmeyer finalmente concordou.

Diante disso, Bellini correu para um dos seus homens. Tinham de mandar um mensageiro à frente, a fim de avisar as barreiras para que pusessem à mostra na estrada todos os soldados disponíveis. «Que mandem os demais para as montanhas», ele instruiu, «mas quero todo o mundo visível e vestindo algo vermelho. Aconteça o que acontecer, os alemães *têm* de acreditar que são homens armados.»

O golpe funcionou brilhantemente. Ao longo de todo o caminho, até ao quartel-general divisionário, uns 30 quilômetros ao norte, o binóculo de Fallmeyer ia observando homens de lenços vermelhos e armados agachados entre as pedras. Convencido de que enfrentava uma força superior, acatou a ordem de Bellini que o mandava separar os seus soldados dos fascistas. Quando voltou à barreira, informou aos outros que os italianos ficariam para trás. Quanto aos alemães, se eles prosseguissem até à cidade de Dongo e aí se submetessem a uma revista, poderiam continuar rumo à Alemanha.

«Não podemos avançar nem podemos recuar», dizia Fallmeyer, nervoso. «Eles fizeram saltar as pontes à retaguarda.»

Mussolini, no entanto, os acompanharia, disfarçado de soldado

alemão. «Mas quando estiver com o Führer e contar-lhe que fui obrigado a isto», dizia o Duce, «eu vou morrer de vergonha.»

«É a sua única esperança de passar», disseram-lhe.

Protestando, o Duce disse que «ia pensar». «Duce, não há tempo para pensar», urgia o seu guardacostas S. S. «Resolva de uma vez, porque nós estamos indol!» Espumando de raiva, Mussolini entrou no carro blindado e bateu a porta; um soldado alemão abriu-a e jogou lá dentro um capote de sargento e um capacete.

Mussolini emergiu minutos depois, o capacete virado ao contrário e o capote tão longo que arrastava no chão. Pacientemente, seus guardas endireitaram-lhe o capacete e meteram-lhe nas mãos uma pistola-metralhadora MP-38. Mussolini agora começava a protestar que seus ministros tinham de ir também. Impossível. «Então, ao menos, a minha amiga», o Duce pediu, apontando para Claretta, que estava em prantos no estribo do carro.

«Impossível também, Duce. É só o senhor.» Sem mais protestos, obediente, escondido pelos alemães, Mussolini subiu no terceiro caminho da fila e o comboio pôs-se em marcha.

Às três horas, a vanguarda do comboio atingia o cais do porto de Dongo, onde os partisanos esperavam, prontos a procederem à busca combinada. O chefe do destacamento era Urbano «Bill» Lazzaro, que examinava os do-

cumentos dos alemães no segundo caminhão quando o chamaram aos gritos do fim da fila.

Saltando pela traseira, viu Giuseppe Negri correndo ao seu encontro. Ex-artilheiro num navio no qual Mussolini viajara, Negri estivera com o Duce face a face... e jamais o esquecera.

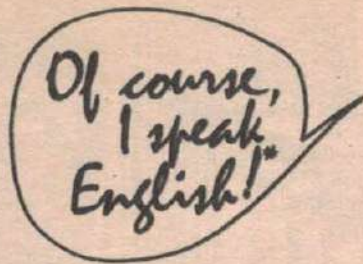
«Bill», ele sussurrava, frenético, «pegamos o Grande Canalha!»

O Apelo de Claretta

MUSSOLINI não resistiu à prisão. «Não farei nada», disse ele, como em transe, descendo do caminhão. Levaram-no à Prefeitura de Dongo, onde ele ficou sentado, quase em estado de choque, sem pedir nada além de um copo de água.

Bellini, o comandante dos partisanos, não tinha intenção de fazê-lo mal, ou permitir que fizessem, mas temia um contragolpe fascista. Tampouco confiava nos recém-chegados — gente disposta a resolver tudo à bala — que de hora em hora engrossavam as fileiras dos partisanos, muitos deles atraídos pelos boatos de que os fundos da República de Salò viajavam no comboio — bilhões de liras em barras de ouro e moeda estrangeira. Às sete da noite, Bellini pessoalmente transferiu o Duce para uma cela no quartel da Guarda Aduaneira em Germasino, a seis quilômetros de Dongo, a 600 metros de altitude nas montanhas envoltas em neblina.

Uma vez aí, humildemente, Mussolini implorou aos partisanos



*Claro que eu falo inglês!

Why don't you?*

*E você, por que não fala?

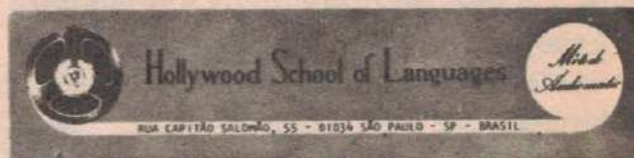


O HOMEM QUE FALA DOIS IDIOMAS VALE POR DOIS.

Napoleão Bonaparte

APRENDA INGLÊS PELO MÉTODO AUDIOMATIC:

Você estuda a lição; responde ao exame; ouve o exercício gravado; repete a audição, pronunciando junto com o professor; grava o exercício com sua voz e remete-nos (se quiser) a fita gravada para nossa apreciação. Esse é o método AUDIOMATIC da Hollywood School of Languages. Conheça-o (é o único com gravador) e comece a valer por dois.



HOLLYWOOD SCHOOL OF LANGUAGES, Depto.
840 N. Seward St. BHS-11/2
Hollywood, Calif. 90038-U.S.A.
Queira enviar-me GRÁTIS seu catálogo a cores explicando
como aprender a FALAR inglês pelo método AUDIOMATIC.

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ ZP _____
Cidade _____ Estado _____

que dessem lembranças suas «à senhora na Prefeitura» (onde os italianos do comboio estavam sendo mantidos), revelando que se tratava da Signora Petacci. Retornando a Dongo, Bellini reconheceu-a pela primeira vez — a notória amante do ditador a quem ele detestava tanto quanto aos demais prisioneiros que havia feito.

A primeira reação de Claretta, porém, deixou-o confuso. Para uma cortesã que só pensava em si própria, sua única preocupação parecia ser o Duce, e ele ouviu dela uma torrente de palavras preocupadas.

«Quanto tempo ele ficará com vocês?» ela não parava de perguntar. Bellini não sabia. Um sargento dos *carabinieri* locais telefonara a Milão avisando da captura de Mussolini, mas ainda esperava instruções.

«Vocês devem entregá-lo aos aliados», Claretta insistia.

«Ao contrário», dizia ele, «farei o que puder para impedir que isto aconteça.»

Numa súbita explosão de dor, Claretta procurava obter a sua compreensão: «Como poderei fazer que você acredite que fiquei esses anos todos com ele porque o amava?» ela gritou, como se adivinhasse os pensamentos cheios de escárnio do partiano. «As únicas horas que eu vivi foram as passadas com ele; você tem de acreditar!» Encolhida na cadeira, ela escondeu nas mãos o rosto molhado de lágrimas.

Bellini aproximou-se. A visão de uma mulher chorando deixava-o profundamente abalado. Pediu-lhe

que não visse nele um inimigo; faria tudo para que sofresse o menos possível.

«Jamais pensaria que um inimigo pudesse ser tão bom e generoso», Claretta falou-lhe entre as lágrimas. «Ganho coragem para pedir-lhe um grande favor.»

Bellini chegou mais perto a sua cadeira e acendeu um cigarro. Ficou atento, mas a mulher parecia não ter pressa. Falando em voz baixa e monótona, ela rememorou longamente seus anos com Mussolini e o seu primeiro encontro. Não parava de falar. Bellini então pediu: «Diga-me de que se trata e farei o que puder para ajudar.»

Claretta inclinou-se em direção ao partiano e tomou-lhe a mão. «Leve-me para junto dele!» ela implorou. «Deixe-nos ficar juntos. Que mal pode haver nisso?»

Recolhendo a mão, Bellini recusou-se delicadamente. Se algo acontecesse a Mussolini, ela também correria perigo. Imediatamente Claretta acusou-o: «Então é que vocês vão matá-lo!»

Bellini negou com veemência: «Nada disso!»

Para seu espanto, então, Claretta encarou-o, enxugando os olhos com as mãos, lentamente: «Prometa então», pediu ela, «que, se Mussolini for fuzilado, eu estarei com ele até ao último momento e que morrerei junto com ele. Minha vida não valerá nada se ele morrer. Só peço isto: morrer com ele.»

O jovem partiano poucas vezes se emocionara tanto. O amor de

uma mulher podia então chegar a tal ponto, pensou ele, envergonhado de havê-la desprezado.

«Vou pensar no caso e conversar com meus amigos», disse ele, mal conseguindo manter firme a voz.

Um Pacífico Remanso

DUAS FORÇAS opostas tentavam desesperadamente localizar Mussolini. Os comunistas do Alto Comando Partisano queriam-no morto. Os aliados queriam-no vivo. Era de quem chegasse primeiro.

Um oficial americano, o Capitão Emilio Q. Daddario, cruzou a fronteira suíça no dia 27 de abril com uma equipe de 12 agentes italianos, decidido a encontrar o Duce. Mas aonde quer que fossem reinava a maior confusão — combates entre partisanos e alemães — e ele pouco apurou sobre o paradeiro de Mussolini. Quando chegou a Milão, Mussolini já havia saído dali havia muito e, como primeiro americano na cidade, Daddario de saída teve de dedicar seus esforços a impedir um massacre, de vez que Milão era ainda uma rede de focos de resistência alemã.

Enquanto isso, graças a Bellini, os partisanos sabiam onde estava Mussolini e já haviam designado o seu carrasco — Walter Audisio, de 36 anos, também conhecido como «Coronel Valerio», um veterano da Resistência e uma das vítimas das duras colônias penais de Mussolini para antifascistas.

Servindo-se de um ardil, Audisio

conseguiu um passe assinado pelo próprio Daddario que lhe permitia «circular livremente com a sua escolta armada» em Como e pelas vizinhanças. No dia 28 de abril, com Aldo Lampredi, um dos mais implacáveis partisanos comunistas, e um caminhão cheio de homens, Audisio rumou para norte.

Bellini recebeu-o em Dongo, cheio de suspeitas. Não o conhecia, e os modos bruscos e autoritários de Audisio convenceram-no de que era um fascista, não um partisano. Mas o passe funcionou. Um exame rápido da assinatura de Daddario, e Bellini teve de admitir — querendo ou não — que Audisio estava no comando.

«Vamos fuzilar todos os figurões», disse Audisio bruscamente. «Esta é a minha ordem. Matar todo o mundo.»

Bellini estava espantado. Fuzilar gente sem julgamento era exatamente tão errado como tudo o que os fascistas haviam feito. Sem ligar, Audisio saiu aos berros, pedindo uma lista dos prisioneiros. Diante dos protestos que Bellini continuava gaguejando, começou a marcá-la com cruces negras. Benito Mussolini, morte. Claretta Petacci, morte.

«Vai matar uma mulher?» Bellini explodiu, cheio de pavor.

Para Audisio era indiferente. «Ela apoiou a sua política esses anos todos», disse ele, calmo.

«Não passou de sua amante», retrucou Bellini. «Condená-la por isto...»

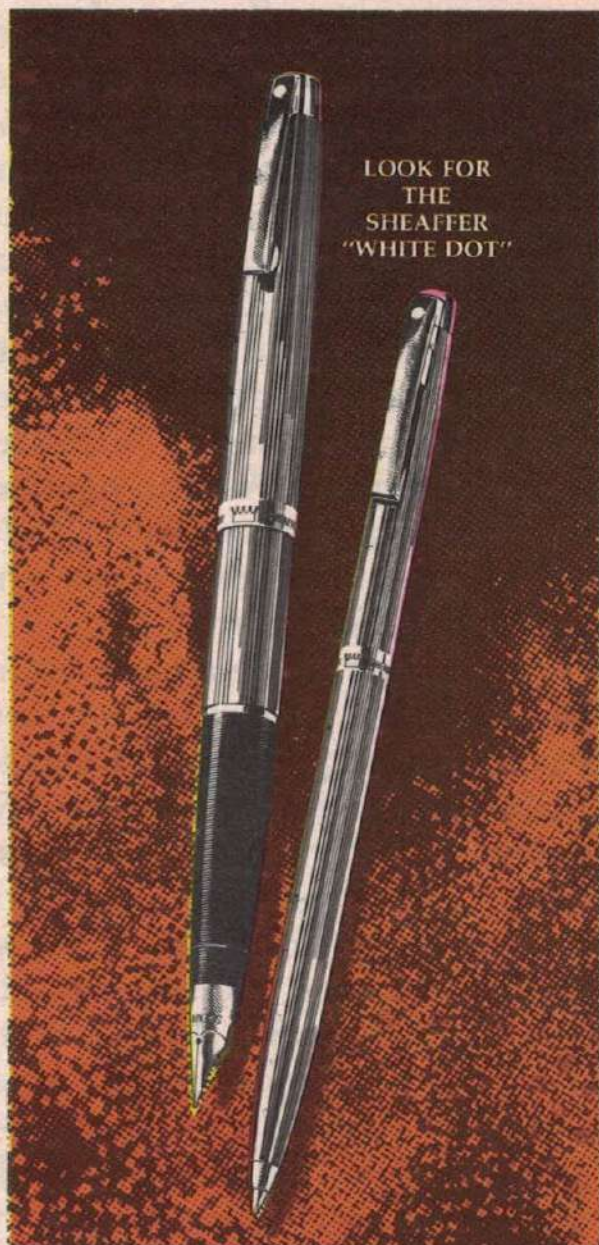
«Eu não condeno ninguém», Audisio corrigiu-o. «Os julgamentos foram passados por outros.»

Na noite da véspera, preocupado com o fato de que gente demais sabia onde estava Mussolini, Bellini havia-o transferido novamente, desta vez para uma fazendola na aldeia de Giulino di Mezzegra, no sopé das montanhas. E atendera ao pedido de Claretta, permitindo-lhe que se juntasse a ele. Estavam num humilde e frio quartinho de camponeses, pobre como aquele onde Mussolini nascera, havia quase 62 anos.

Inquieto com a pressa de Audisio, Bellini tentou obter um acordo. Seria melhor, sugeriu, se Audisio ficasse ali enquanto ele, Bellini, ia buscar os ministros de Mussolini e os demais prisioneiros em Germasino. Ao mesmo tempo, mandaria dois dos seus homens, inclusive Michele Moretti, buscar o Duce e Claretta. Todos os prisioneiros seriam entregues a Audisio em Dongo.

Mas, quando Bellini saía para Germasino, um detalhe escapava-lhe. Moretti era seu companheiro de armas, mas era também um comunista fanático. Assim, quando os homens de Bellini saíram para buscar Mussolini no Fiat de Moretti, no banco traseiro iam Lampredi e Audisio, apressando: «Vamos embora, vamos rápido.»

Às quatro horas daquela tarde, chegaram à fazendola onde Mussolini e Claretta haviam passado a noite. Audisio saudou o Duce: «Viemos para libertá-lo.» Cheio de sarcasmo, Mussolini respondeu:



LOOK FOR
THE
SHEAFFER
"WHITE DOT"

O «Ponto Branco»
marca
um presente de orgulho.

Orgulho de oferecer, orgulho de possuir. Coleção «Ponto Branco» da Sheaffer. Jogo para presentes de alta distinção, em ouro platinado. Elegante embalagem para oferta.

SHEAFFER
the proud craftsmen

SHEAFFER, WORLD-WIDE, A **textron** COMPANY

«Verdade? Muito gentil da parte de vocês.» Audisio mandou que reunissem as coisas deles e entrassem no Fiat. Claretta sentou-se no banco traseiro, segurando com força a mão de Mussolini. Como o motorista contaria mais tarde, ambos estavam «estranhamente tranquilos». Descendo lentamente a ladeira, o carro movia-se com a dignidade de um coche fúnebre. Lampredi e Moretti iam no estribo e Audisio agachado no pára-lamas dianteiro direito, voltado para trás, com a sua arma apontada para o carro.

A algumas centenas de metros adiante havia uma curva em coto-velo. Logo depois Audisio mandou parar, diante do portão da Villa Belmonte — com sua entrada calçada e muros de pedra encimados por oliveiras aparadas. Era um pacífico remanso, isolado da aldeia pela curva fechada. Audisio saltou do pára-lamas e ordenou que Mussolini e Claretta saíssem. Mantendo-os sob a mira, mandou-os encaminharem-se para o portão da vila. Os demais ficaram guardando os acessos, para impedir que alguém se aproximasse.

«Por ordem do Quartel-General do Corpo de Voluntários da Liberdade, fui encarregado de fazer justiça em nome do povo italiano», disse Audisio, mas sua voz perdeu-se no grito súbito de Claretta, que se dava conta de que o fim havia realmente chegado.

«Não! Não! Você não pode fazer isto! Não pode!»

«Saia da frente se não quiser

morrer também!» ordenou Audisio ríspidamente. Com o suor a escorrer-lhe pelo rosto, ele deu três vezes no gatilho. A arma não disparou. Praguejando, sacou do coldre o revólver; o gatilho bateu seco, e nada aconteceu. Ele gritou para Moretti: «Me dá a sua arma!» Moretti correu e entregou-lhe uma pistola-metralhadora.

Sentindo engulhos, o motorista do Fiat viu Mussolini desabotoar a jaqueta cinza-esverdeada. «Atire no peito», ele disse pausadamente ao comunista. Mas Claretta atravessou-se na frente.

A três passos de distância, Audisio disparou duas rajadas — uma de cinco tiros, uma de quatro. As duas vítimas tombaram, mas, cinco vezes alvejado, Mussolini ainda vivia. Audisio disparou um último tiro direto no coração.

A Besta Está Morta

Os CADÁVERES foram levados de caminhão para Milão, juntamente com os corpos de 15 outros fascistas importantes, e, sob a proteção da noite, despejados na Piazzale Loreto — o feito tenebroso há muito planejado pelos comunistas em troca dos 15 partisanos ali executados pelos alemães em agosto de 1944.

No dia seguinte, a multidão que olhava os cadáveres espalhados na calçada não demonstrou a princípio mais que curiosidade. Alguém metera um mastro de bandeira na mão de Mussolini, como se fosse um cetro, e a cabeça do ditador se reclí-

nava sobre a blusa branca de Claretta. Os jornalistas presentes anotavam impressões cínicas e rápidas. Alguns fotógrafos viraram o rosto de Mussolini para o sol, apoiando-lhe o queixo na coronha de um fuzil.

James Ropper, da United Press, tentando colocar as coisas numa perspectiva correta, pro-

curou conversar com um partiano. Se Mussolini era o mais detestado filho da Itália, por que deixá-lo passar a última noite com a amante? O homem abriu os braços num gesto largo: «Pois é, no fim somos todos italianos...»

De repente, então, o clima era de pura selvajaria. Alguém surgiu correndo e chutou a cabeça de Mussolini.

Pessoas começaram a dançar e a pular à volta dos cadáveres. Uma mulher disparou cinco tiros no corpo prostrado do ditador — um por cada filho seu morto na guerra do Duce; um homem arrancou-lhe a camisa, ateou-lhe fogo e tentou esfregá-la no seu rosto. Mulheres apareceram então para a suprema indignidade: erguendo as saias, uri-

naram-lhe no rosto, voltado para cima.

Um líder partiano ordenou aos seus homens que disparassem para o alto, tentando afastar a multidão, mas não havia como. Praguejando e xingando, as pessoas pisoteavam os cadáveres, cegas pelo ódio de anos. Nem 300 *carabinieri* conseguiram contê-las; recuaram às pressas, seus uniformes feitos em pedaços. Uma brigada de bombeiros conseguiu chegar ao local, mas seus poderosos jatos de água não conseguiam apagar o ódio. Finalmente, um a um, os cadáveres foram erguidos pelos pés e pendurados num posto de gasolina destruído pelos bombardeios, e aí ficaram. Claretta estava ao lado de Mussolini, sua saia mantida no lugar pelo cinto de





Será porque tem um pouco de todos os países do mundo? Ou pela harmoniosa confluência do futuro com a tradição? Ou por essa hospitalidade inata e sem reservas? O fato é que cada dia mais gente internacional passa pela Espanha. Vemo-la chegar quase diariamente.

Viajem conosco... com a **IBERIA**... e todos os nossos vôos intercontinentais «têm» de passar pela Espanha.

Por isso, nessa viagem que está pensando fazer à Europa, deixe-se levar nas nossas asas, e terá o maravilhoso presente de uma «escala ao sol da Espanha».

Na **IBERIA** temos um mundo de informações que esperam por você... sobre recantos cheios de nostalgia... ou sobre a surpreendente Espanha de hoje, dinâmica, sofisticada e em pleno florescimento!

Entre na Europa como em sua casa... entre na Espanha com a **IBERIA**.

IBERIA

dá asas a seus sonhos

**IBERIA LINHAS AÉREAS
INTERNACIONAIS DA ESPANHA**

234 AGÊNCIAS EM 50 PAÍSES

um partiano. «Imagine só», murmurou uma mulher, «tudo isso, e não correu um único fio das suas meias.»

Os sinos de Milão estavam dobrando: a cadência dolente de San Babila, o dobre solene de San Ambrogio. «O Duce está morto», diziam eles, «liberdade, a vitória é nossa.» Os sinos levavam as notícias a toda Milão, a toda a Itália, a todo o mundo.

Naquela tarde, no *Führerbunker*, em Berlim, Adolf Hitler soube do fim do seu velho aliado, pouco depois de se ter casado com Eva Braun, sua amante. Os que ali se encontravam acharam que ele não chegara a compreender perfeitamente. Os tanques soviéticos estavam a 800 metros de distância e ele soubera que Heinrich Himmler, em quem confiava tanto, negociava com os aliados ocidentais. Naquela noite, despediu-se de todos os que se encontravam no *Bunker*, preparando-se para o seu próprio e macabro fim.

Winston Churchill estava em sua casa de campo quando soube. Feliz com a queda do tirano, correu para os seus convidados para o jantar, gritando: «A besta sanguinária está morta!» Mas, quando soube a respeito de Claretta, imediatamente mandou abrir inquérito em torno do «ato covarde».

O General Eisenhower recebeu a notícia em Reims, sede do Comando-Geral Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas. Para o seu Chefe do Estado-Maior, ele exclamou:

«Meu Deus, que fim mais ignóbil!» O General Mark Clark, em seu próprio quartel-general, em Florença, pensou mais ou menos a mesma coisa, mas achou que talvez tivesse sido melhor assim: «No fim, até o seu pessoal tinha-lhe ódio.»

Rachele Mussolini também fora presa e conduzida para a ala feminina do presídio de Como. Os partisanos separaram-na dos seus dois filhos menores, e isto preocupava-a mais que qualquer outra coisa. Naquele caos, somente uma mulher a reconheceu, e Rachele implorara-lhe que não dissesse nada.

No pátio da prisão, uma voz entoava uma lista de nomes; ouviu-se uma rajada de metralhadora, depois o ranger de uma carroça. A Revolução Fascista estava acabando como começara — num banho de sangue. As mulheres à sua volta gritavam e agarravam-se às barras das janelas, mas Rachele continuava calma, pensando apenas em encontrar as crianças. Soubera da morte de Benito, mas ela já chegara a um ponto onde a dor não adiantava mais nada. Somente no dia seguinte viria a lembrar-se da sua estranha profecia em relação a Claretta: «Eles a levarão para a Piazzale Loreto.»

Ao seu lado, uma mulher percebeu a sua calma inabalável, e não conseguia entender: «E você», perguntou a Rachele, «você não chora? Então não perdeu ninguém?»

Às DUAS horas daquela tarde, o Coronel Charles Poletti, do Exército americano, estabeleceu o seu primeiro contato, após a libertação, com o Comando Partisano. Assim que trocou cumprimentos com Ferruccio Parri, do Partido de Ação, o italiano trouxe à tona o assunto que não lhe saía da cabeça. Ele não conseguia calar-se — sobre Claretta, sobre aquele espetáculo que «parecia um açougue». «Foi horrível, foi um erro», disse Parri. «Prejudicará o movimento partiano por muitos anos.»

«Agora não tem mais jeito», Poletti tentava consolá-lo. «Na guerra, ninguém controla as emoções. Mas vim aqui para aconselhá-lo a descer aqueles cadáveres e mandar parar de pendurá-los desse jeito. Essas são as minhas ordens.»

Parri concordava. «Está muito bem... mas para onde levamos Mussolini? A multidão é capaz de despedaçá-lo.»

Poletti pensou um pouco. «Na América», disse, «nós temos algo chamado necrotério. Vocês não têm aqui?»

«Temos um necrotério para os pobres.»

«Está bom, serve», resolveu Poletti. «Levem-no para lá. Ponha partisanos de guarda e não deixe que lhe aconteça nada, porque está tudo acabado. Não deixe fazerem mais mal a esse homem... mais nenhum mal.»